

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA**

**RELAÇÕES PEDAGÓGICAS ENTRE O PROFESSOR UNIDOCENTE E O  
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS**

Matheus Mesquita de Souza

**Porto Alegre**

**2018**

# **RELAÇÕES PEDAGÓGICAS ENTRE O PROFESSOR UNIDOCENTE E O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Vicente Molina Neto

Porto Alegre

2018

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>4</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>5</b>
<b>A questão da unidocência.....</b>	<b>15</b>
<b>Relações pedagógicas.....</b>	<b>18</b>
<b>Revisão bibliográfica.....</b>	<b>21</b>
<b>Metodologia.....</b>	<b>28</b>
<b>Análise de dados.....</b>	<b>40</b>
1. Relações pedagógicas entre o corpo docente no ambiente escolar.....	40
2. Formação de professores unidocentes e suas experiências docentes com a Educação Física.....	48
3. Sentidos e significados da Educação Física: Visão das unidocentes.....	52
4. Geração “Video Game”.....	57
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>65</b>
<b>APÊNDICE A - Estruturação e roteiro das perguntas da entrevista aplicada na pesquisa.....</b>	<b>75</b>
<b>APÊNDICE B – Transcrição das entrevistas.....</b>	<b>76</b>

## RESUMO

**Introdução:** Os anos iniciais do Ensino Fundamental é uma etapa educacional onde os estudantes têm oportunidades de aprendizagens diversas entre seus pares. Esta é uma etapa onde os estudantes começam a se construir enquanto sujeitos coletivos dentro da esfera escolar e criar seus próprios valores através de suas vivências e experiências dentro deste ambiente. Portanto, as relações pedagógicas construídas entre o corpo docente da escola se mostra muito significativo e influente no que se refere ao processo de escolarização. Ou seja, a interação entre os professores pode ser favorável na construção de metodologias de ensino ou até mesmo nas trocas de experiências sobre a convivência com os estudantes dentro e fora de sala de aula. **Objetivo:** o objetivo deste estudo é identificar e compreender a importância das relações pedagógicas e do diálogo entre o professor unidocente e o professor de Educação Física para o melhor desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Metodologia:** para este estudo, utilizamos uma abordagem qualitativa. Optamos pela realização de um estudo de caso realizando entrevistas semiestruturadas com duas unidocentes, na busca das respostas para os questionamentos emergidos dentro deste estudo. **Conclusão:** As relações pedagógicas se dão dentro do ambiente escolar de forma dialógica, em forma de diálogos, “*trocas de figurinhas*” e interações entre o grupo de trabalho e não apenas o corpo docente. Sendo assim, a busca dessas relações se concentra em construir um processo de ensino-aprendizagem mútuo com os estudantes e com o objetivo de promover um processo de escolarização sadio, rico e fértil para os estudantes se desenvolverem de forma integral.

## Introdução

A Educação em geral e a Educação Física, especificamente, têm um importante papel na construção dos valores e atitudes de um cidadão com pensamento crítico e atuante na busca da equidade e condições mais justas dentro da sociedade que estamos inseridos. Este processo se dá através da construção social e o crescimento pessoal que acontece com os indivíduos dentro da escola, por todas as etapas educacionais, desde a Educação Infantil até a conclusão do Ensino Médio e se expande para além do processo de escolarização.

A partir da publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº9394/96) que, entre outros dispositivos, se definiu a disciplina como componente curricular obrigatório da Educação Básica, condição vigente até a publicação da lei 13.415 de 16 de fevereiro de 2017 que altera as disposições do ensino médio. Por outro lado, as discussões sobre a participação da Educação Física na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental vem se intensificando e, cada vez mais, dispendo de questionamentos, afirmações e revisando questões paradigmáticas.

Pensamos que a Educação Física se faz mais que importante na construção do processo educativo dos estudantes a ele pertencentes. Tendo como objetivo, além de ampliar o desenvolvimento de habilidades motoras, a vivência e experiências com a pluralidade de práticas corporais presentes na cultura corporal de movimento<sup>1</sup>, além de trabalhar com objetivos de caráter atitudinal e conceitual que podemos também desenvolver nas aulas desta etapa educacional. Contudo, a Educação Física também é capaz de florescer e ampliar os aspectos sociais, críticos, afetivos, psicológicos e referentes à consciência corporal.

Não só no aspecto psicomotor que a Educação Física se faz presente e importante dentro do processo educativo. A Educação Física tem um papel muito importante referente ao desenvolvimento das habilidades sócio-afetivas dos estudantes. Portanto, as aulas de Educação Física podem proporcionar a

---

<sup>1</sup> Segundo o Coletivo de Autores (1992) a materialidade corpórea foi historicamente construída e, portanto, existe uma cultura corporal, resultado de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade que necessitam ser retraçados e transmitidos para os alunos na escola. Entendemos assim, a cultura corporal de movimento como as práticas corporais relacionadas aos jogos, as ginásticas, as lutas, as acrobacias, a mímica, as danças, os esportes, entre outras práticas corporais inclusas dentro da cultura corporal.

socialização e a interação ativa entre os estudantes. Ou seja, os conteúdos desenvolvidos na aula podem ajudar os alunos a se inter-relacionarem entre si, a ponto de se sentirem à vontade de questionar as aulas e assuntos abordados nela, além de poder fazer com que os alunos consigam participar mais ativamente das aulas, questionando ou até mesmo propondo sugestões de novas regras ou metodologias de ensino, por exemplo, em algumas atividades de aula, sendo a aula de Educação Física ou não.

Nesta mesma linha, a aula de Educação Física se configura então, como um espaço propício para aprender através das brincadeiras, desenvolvendo de forma conjunta os aspectos cognitivo, afetivo-social, motor e emocional (MAGALHÃES, KOBAL, GODOY, 2007).

GALLAHUE (2000) afirma:

A dimensão da sociabilidade é fundamental para a vida coletiva em sociedade e, no contexto da educação física, recreação ou esportes, a socialização positiva ocorre em forma de comportamentos cooperativos, camaradagem, bom espírito esportivo: todas as atividades indicadoras de comportamentos morais positivos.

Portanto, sendo a sociabilidade tão importante para o desenvolvimento social do estudante, podemos afirmar que as aulas de Educação Física, quando bem estruturadas para este fim, tem a capacidade de promover e propiciar diversas conexões de interação e situações de sociabilidade entre os estudantes favorecendo entre eles a socialização e a troca de ideias, experiências, assuntos pessoais por afinidade, entre outras situações em um contexto menos “*formal e maquinista*”<sup>2</sup> quando comparado à sala de aula.

Neste sentido é necessário que o Professor de Educação Física tenha um grande envolvimento com seu trabalho e para com as turmas contempladas com suas aulas. Ou seja, se faz importante uma conexão valorizando as relações pessoais, as subjetividades das turmas e alunos a elas pertencentes, o contexto da turma e a realidade social da comunidade escolar. Isso, buscando melhor planejar

---

<sup>2</sup> Entendemos por formal e maquinista aquele ambiente que presa apenas pela (re)produção do conhecimento e não pela assimilação dos conteúdos pelos estudantes. Além disso, aquele ambiente em que os alunos são organizados em colunas, um atrás dos outros, dentro de seu um metro quadrado correspondente a sua classe e cadeira sendo, de certa forma, enclausurados dentro da sala a espera da “liberdade” do recreio ou dos momentos fora da sala de aula.

e adequar seu plano de ensino, aproveitando e desfrutando das qualidades da turma para, de certa forma, buscar melhorar os pontos mais fracos e negativos no aspecto coletivo e individual, tanto no aspecto motor ou não, além de aproveitar os espaços da escola por inteiro, utilizar os espaços públicos aos redores da escola e não apenas se limitar a quadra poliesportiva.

Nesse sentido, o Coletivo de Autores (1992) coloca:

[...] os conteúdos da cultura corporal a serem aprendidos na escola devem emergir da realidade dinâmica e concreta do mundo do aluno. Tendo em vista uma nova compreensão dessa realidade social, um novo entendimento que supere o senso comum, o professor orientará, através dos ciclos, uma nova leitura da realidade pelo aluno, com referências cada vez mais amplas. (p.62)

Nesse sentido, não seria muito relevante conhecer, previamente, o contexto social que a escola e os estudantes estão inseridos para o desenvolvimento de um bom trabalho naquela comunidade escolar? Afinal, a produção da consciência de classe/coletivo se dá através de um conjunto de ações concretas do mundo e da realidade vivida pelos sujeitos e podemos fazer dessa relação, a busca por essa consciência por parte de nossos estudantes.

Portanto, para evitar situações inconvenientes e imprevistas referentes às aulas, seria importante conhecer esse ambiente no qual a comunidade escolar se encontra e apropriar ou adaptar nosso planejamento àquela realidade. Por essas considerações podemos dizer que os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções ou objetivos da sociedade (COLETIVO DE AUTORES, 1992 p.42).

Ainda nessa linha de pensamento, o Coletivo de Autores (1992) propôs alguns princípios para a seleção de conteúdos a serem aplicados nas aulas de Educação Física, são eles: a) relevância social: o conteúdo deverá estar vinculado à explicação da realidade social concreta e oferecer subsídios para a compreensão dos determinantes sócio-históricos do aluno, particularmente de sua condição de classe social; b) contemporaneidade do conteúdo: sua seleção deve garantir ao aluno um conhecimento atualizado em relação ao que se encontra disponível no mundo contemporâneo, mantendo-o informado dos acontecimentos nacionais e

internacionais, assim como do avanço da ciência e da técnica; c) adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas dos alunos: no momento da seleção, há de se adequar o conteúdo à capacidade cognitiva e à prática social do aluno, ao seu próprio conhecimento e às suas possibilidades como sujeito histórico; d) provisoriedade e historicidade do conhecimento: apresentar o conteúdo desenvolvendo a noção de historicidade, situando-o desde sua gênese para que o aluno se perceba como sujeito histórico.

Podemos, assim, citar a obra “Ideias de Canário<sup>3</sup>” de Machado de Assis e fazer uma analogia dos nossos estudantes com um pássaro. Neste conto, o autor conta que o pássaro vai mudando sua representação e a forma como vê mundo ao passo que constitui ações em diferentes condições concretas e históricas e, além disso, vivência ou presença diversas situações em seu cotidiano, assim como os estudantes também passam por este mesmo processo dentro da escola e fora dela. Iconizando que é em distintas condições das nossas ações no mundo concreto que nos produzimos enquanto sujeitos de classe e podemos construir nossa consciência coletiva e percepção de mundo que vivemos.

Avaliar a “bagagem motora” dos estudantes também se faz relevante nesse processo. A Educação Física não tem o objetivo de tornar os estudantes atletas de alto rendimento e sim, propiciar o maior número de práticas corporais relacionadas à cultura corporal (com qualidade e não apenas quantidade) para estes sujeitos. Quando as atividades são ministradas, esperamos que, por parte dos estudantes, eles criem um novo significado sobre aquela prática para além da escola e da vida dele. Além disso, temos de fazer com estes sujeitos tomem gosto pela prática de atividades físicas para que não se tornem indivíduos sedentários em suas vidas adultas.

Nesse mesmo sentido, concordamos com a ideia de Pérez Gómez (1998) que destaca a importância de resgatar e desfrutar das experiências anteriores dos alunos, de vida, de sua cultura, para que possamos impulsionar e conduzir as relações educacionais no âmbito da escola favorecendo o processo.

---

<sup>3</sup> Páginas Recolhidas é um livro de contos do escritor brasileiro Machado de Assis, lançado em 1899. Neste livro se encontra o conto *Ideias de Canário*, onde Machado de Assis faz de um canário, mais especificamente suas ideias, o personagem principal. O autor vai citando a trajetória do canário e suas aventuras e como essas ações práticas e pragmáticas vão ajudando a construir a visão de mundo do canário.



Portanto, será que apenas a “prática pela prática” tem a capacidade de auxiliar no desenvolvimento dos estudantes e na construção da criticidade e modo de ver o mundo dos mesmos? Fazer uma aula com muitas atividades divertidas e com muita distração vai atrair o interesse dos alunos, mas não necessariamente será uma boa aula. Afinal, as atividades têm de trazer seu momento reflexivo e de relação direta com a sociedade ou o contexto atual em que estão presentes para que não se trabalhe apenas os aspectos procedimentais dentro das aulas de Educação Física.

Seguindo esta linha, o coletivo de autores (1992) destaca:

Nos diferentes níveis do ensino fundamental e médio, o professor irá desenvolver o conhecimento técnico do aluno, sem que isso signifique exigir dele, necessariamente, níveis de execução de alta qualidade técnica. É claro que, se alguns alunos vierem a se interessar e desenvolver condições para tal, eles poderão treinar até atingir esses níveis, enquanto outros serão orientados pelo professor dentro das possibilidades individuais, sem negar conhecimentos mais amplos e profundos. (p.61).

No que se refere aos anos iniciais do Ensino Fundamental, não seria necessário que houvesse o dobro do comprometimento por parte de nós, Professores de Educação Física ou não?! Isso por se tratar de uma fase muito sensível no desenvolvimento do estudante referente à aquisição de habilidades motoras, ao descobrimento do mundo, das suas potencialidades, das suas fraquezas, das suas subjetividades, suas emoções, suas primeiras relações sociais com sujeitos da mesma idade com suas respectivas diferenças, evidentemente forte e visível.

Além disso, esta é uma fase em que não devemos considerar as crianças e jovens como “mini adultos”, uma fase de transição entre ser criança e ser adulto, mas sim, sujeitos repletos de sentimentos, individualidades, pensamentos e dúvidas acerca do mundo em que vivem. Afinal a infância é uma das fases mais importantes da vida, no que se refere à autodescobrimento e autorreflexão sobre o mundo.

Entendemos aqui a infância como construção social, que reflete as variações da atividade humana, portanto, das relações de produção existentes na realidade. Nessa perspectiva, consideramos a criança como um sujeito de relações sociais,

um ser que é e não um vir a ser, que se encontra inserido num determinado contexto social (DE OLIVEIRA, 2005).

Conforme afirma NISTA-PICCOLO (1995, p. 14), “na escola não basta ‘ter’ Educação Física, mas é preciso ‘ser’ uma educação de corpo inteiro” confrontando-se com a realidade que é vivenciada. Ou seja, não basta a presença física do professor de Educação Física nos anos iniciais, tem de haver planejamento por parte do mesmo visando os reais objetivos da Educação Física escolar para com os estudantes desta etapa educacional.

Além disso, tratar dos grandes problemas sócio-políticos atuais dentro da escola não significa um ato de doutrinação. Trata-se de uma inter-relação e processo de criticidade aos conteúdos inerentes ao ponto de vista da classe trabalhadora (Coletivo de Autores, 1992) facilitando assim a compreensão e a leitura da realidade, por parte dos estudantes, estabelecendo laços concretos com a busca pela participação ativa dentro da sociedade que está inserido, se reconhecendo como sujeito de um coletivo, seja buscando mudanças sociais, participando de projetos ou programas políticos ou até mesmo criando e incentivando espaços para essa construção de uma consciência coletiva.

Segundo Fonseca e Cardoso (2014):

A Educação Física é uma área de conhecimento que há muito tempo faz parte do cenário escolar brasileiro. A partir da promulgação da LDB/1996, inúmeros documentos têm fixado diretrizes e orientado a organização da Educação Física na Educação Básica. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1997) foram publicados com o intuito de ampliar e aprofundar o debate educacional, procurando respeitar a diversidade e considerar as necessidades regionais para a construção de referenciais nacionais ao processo educativo.

Quando o professor de Educação Física efetiva o intercâmbio de conhecimento através da relação interdisciplinar e pedagógica com a professora unidocente, torna muito mais positivo o planejamento e o desenvolvimento das aulas de Educação Física. A visão das professoras unidocentes é de extrema importância para nós, professores de Educação Física, pois elas têm a experiência de sala de aula que nós não temos. Ou seja, elas conhecem os estudantes no ambiente de sala de aula, que é extremamente diferente do ambiente de uma aula de Educação Física. Ela lida com os pais e com os próprios estudantes

diariamente, o que acaba facilitando seu conhecimento das condições sociais que vive o aluno e as quais ele se escolariza.

Os valores, atitudes e conceitos se diferem e se distanciam quando se compara o ambiente “*formal e maquinário*” de sala de aula ao ambiente mais “*libertário*”, de exploração e de autoconhecimento que encontramos nas aulas de Educação Física. Portanto, não seria relevante, aos professores de Educação Física, ter conhecimento do ponto de vista sobre as atitudes e comportamento dos alunos em sala de aula, proveniente da avaliação das professoras unidocentes?

Afinal, elas têm muito mais interação<sup>4</sup> e relacionamento interpessoal com os alunos devido à carga horária mais ampla com a turma. Sendo assim, ela vivencia e presencia muitas situações que o professor de Educação Física, pelo pouco tempo de aula com a turma, não pode presenciar e ter conhecimento.

Pensando que o processo de escolarização deve acontecer de forma integral, essa relação pedagógica e a interdisciplinaridade mostram-se, além de efetiva, muito importante para que o ensino e a aprendizagem aconteçam de forma real e concreta ao estudante. Sendo ele, o estudante, o centro do processo, as relações pedagógicas<sup>5</sup> se mostram ainda mais coerentes, visando o conhecimento de fatores que vão para além da sala de aula, para entender determinados comportamentos ou atitudes por parte dos alunos, seja na sala de aula ou na aula de Educação Física.

A escola, por sua vez, nos anos iniciais, no início da vida da criança, tem o objetivo de introduzi-la ao meio educacional e, mais importante ainda, no meio social, além de prepara-las para o mundo do trabalho. Desta forma, é de suma importância que haja um processo de planejamento que leve em consideração os reais objetivos da Educação, das necessidades dos alunos e das subjetividades dos sujeitos, tanto por parte da escola quanto da Educação Física neste período.

Assim sendo, Nóvoa, 2001 afirma que:

---

<sup>4</sup> Branco e Valsiner (1997), citados por Raposo e Maciel (2005) apresentam o conceito de interação social como um processo em que todos os participantes estão constantemente estabelecendo, afirmando e modificando suas “orientações para objetivos”.

<sup>5</sup> Concebemos a relação pedagógica como uma das concretizações da relação educativa. Esta ocorre sempre que “se estabelece uma relação entre pelo menos dois seres humanos, em que um deles procura, de modo mais ou menos sistemático e intencional e nas mais diversas circunstâncias, transmitir ao outro determinados conteúdos culturais (educar), desde os mais necessários à sobrevivência a outros que podem ser da ordem da fruição gratuita” (Amado, 2005, p. 11

É no espaço concreto de cada escola, em torno de problemas pedagógicos ou educativos reais, que se desenvolve a verdadeira formação. Universidades e especialistas externos são importantes no plano teórico e metodológico. Mas todo esse conhecimento só terá eficácia se o professor conseguir inseri-lo em sua dinâmica pessoal e articulá-lo com seu processo de desenvolvimento. (p. 25).

A introdução ao meio educacional se faz pelo próprio processo de escolarização dos estudantes, desde a construção de saberes e conhecimentos de áreas distintas até a compreensão de utilidade desses saberes para sua vida fora da escola.

Por outro lado, a introdução ao meio social se faz pelas infinitas possibilidades de relações interpessoais que são criadas dentro dos muros e do ambiente escolar. Essas relações se dão pelas socializações que ocorrem no período de recreio, antes de começar as aulas, no final das aulas ou até mesmo no momento das aulas, entre outras diversas situações favoráveis para este fim no ambiente escolar.

Nesse sentido, Paulo Freire, em sua obra "Pedagogia da Autonomia" (1992) coloca:

[...] pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária, mas também, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. [...] Porque não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (p.16)

Por outro lado, devemos saber que ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entramos em uma sala de aula devemos estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a ele ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 1992, p.27).

Além disso, outros autores afirmam que a escola tem entre suas funções a de introduzir os alunos no mundo sociocultural que a humanidade tem construído,

com o objetivo de que eles possam se incluir no projeto, sempre renovado, da reconstrução desse mundo (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009, p.21).

Ou seja, não basta ensinar apenas o conteúdo que está previsto no Plano Político-Pedagógico da escola, e sim buscar preparar os estudantes para a vida fora das grades da escola. Assim sendo, buscar contextualizar o contexto e a situação social, a construção de visões críticas a respeito dos aspectos vistos em aulas e a aproximação dos conteúdos a realidade dos estudantes e da escola podem ser fatores importantes a serem trabalhados na Educação Física escolar.

A Educação Física, por exemplo, não deve se preocupar apenas em trabalhar o corpo e as habilidades motoras, fazendo uma dicotomia entre o corpo e a mente. Onde a mente é trabalhada dentro da sala de aula e o corpo nas aulas de Educação Física. Muito pelo contrário, pois sem mente não há corpo e sem corpo não há mente.

Para Libâneo (1985):

"... os conteúdos são realidades exteriores ao aluno que devem ser assimilados e não simplesmente reinventados, eles não são fechados e refratários às realidades sociais", pois "não basta que os conteúdos sejam apenas ensinados, ainda que bem ensinados é preciso que se liguem de forma indissociável a sua significação humana e social" (p.39)

Portanto, na Educação Física, podemos trabalhar aspectos atitudinais, como valores, respeito mútuo, respeito às regras das atividades, aspectos conceituais como aspectos teóricos dentro dos conteúdos abordados em aulas e, também, os aspectos procedimentais que é a execução prática das atividades.

Essas questões atitudinais vão diretamente ao encontro da preparação dos estudantes para a vida fora da escola. É no aspecto atitudinal que se torna possível trabalhar e desenvolver os valores entre os estudantes. Questões como aprender que se há regras, elas devem ser respeitadas, respeitar as diferenças e individualidades entre os colegas, desfrutar da coletividade para solução de problemas, entre outros diversos fatores que podem ser trabalhados dentro das aulas de Educação Física.

Nesse sentido, o papel da escola não seria apenas transmissão de conhecimentos para os alunos, pois o ensino é algo mais amplo. Segundo Freire

(2007, p. 47) este deve “criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”, sendo enfatizado em todo o processo de ensino e aprendizagem.

A função educativa da escola, portanto, imersa na tensão dialética entre reprodução e mudança, oferece uma contribuição complicada, mas específica: utilizar o conhecimento, também social e historicamente construído e condicionado, como ferramenta de análise para compreender, para além das aparências superficiais do status quo real – assumido como natural pela ideologia dominante –, o verdadeiro sentido das influências de socialização e os mecanismos explícitos ou disfarçados que se utilizam para sua interiorização pelas novas gerações (PÉREZ GÓMEZ, 2007, p.22).

Podemos ver que como objetivos gerais da Educação Física no Ensino Fundamental, os PCN's (parâmetros curriculares nacionais) apresentam, como os primeiros cinco itens da lista, que se espera que ao final do Ensino Fundamental, os estudantes sejam capazes de:

- participar de atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas e construtivas com os outros, reconhecendo e respeitando características físicas e de desempenho de si próprio e dos outros, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais;

- adotar atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade em situações lúdicas e esportivas, repudiando qualquer espécie de violência;

- conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações de cultura corporal do Brasil e do mundo, percebendo-as como recurso valioso para a integração entre pessoas e entre diferentes grupos sociais;

- reconhecer-se como elemento integrante do ambiente, adotando hábitos saudáveis de higiene, alimentação e atividades corporais, relacionando-os com os efeitos sobre a própria saúde e de recuperação, manutenção e melhoria da saúde coletiva;

- solucionar problemas de ordem corporal em diferentes contextos, regulando e dosando o esforço em um nível compatível com as possibilidades, considerando que o aperfeiçoamento e o desenvolvimento das competências

corporais decorrem de perseverança e regularidade e devem ocorrer de modo saudável e equilibrado;

Sendo assim, podemos observar que a Educação Física tem a capacidade de desenvolver e trabalhar com essas questões citadas nos PCN's e que estas questões estão diretamente ligadas ao processo de inserção social e preparação para a vida escolar e não escolar dos estudantes pertencentes a este processo.

### **A questão da unidocência**

Há alguns anos, vem-se discutindo a respeito da presença, ou não, dos professores “especializados” (dentre eles: professores de Educação Física, Educação Artística, Música, Dança) nos anos iniciais do ensino fundamental.

Conforme as normativas vigentes, como o Parecer CNE 16/2001 que fala sobre a obrigatoriedade da Educação Física como componente curricular da Educação Básica e da exigibilidade da formação específica em Educação Física para os quatro primeiros anos do Ensino Fundamental. Porém, sugere que a prática da unidocência, ou seja, um professor ministrando varias disciplinas aos alunos, seja mantida, pois está legalmente amparada pela legislação atual e pela “cultura enraizada nas gerações”. Segundo o parecer:

Nos quatro primeiros anos do ensino fundamental, a prática multidisciplinar é amplamente disseminada entre nós. A Matemática não é ensinada por matemático, a Língua Portuguesa não é ensinada por diplomado em Letras, e assim o é com tantos quantos forem os conteúdos curriculares. A generalidade da formação do professor que milita nos anos iniciais do ensino fundamental tem fundamento na legislação em vigor, fazendo parte de longa tradição que se acumula por várias gerações. (CNE, Parecer 16/2001, p.2).

Além disso, a resolução do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica (CNE/CEB nº07/2010) apesar de afirmar que as disciplinas como Educação Física e Artes devam estar presente nos anos iniciais, destaca que as mesmas poderão ser ministradas, tanto pelo professor pedagogo (unidocente ou de referência da turma) como por professores licenciados em Educação Física:

Art. 31 - Do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, os componentes curriculares Educação Física e Arte poderão estar a cargo do

professor de referência da turma, aquele com o qual os alunos permanecem a maior parte do período escolar, ou de professores licenciados nos respectivos componentes (BRASIL, 2010, p. 9).

Por outro lado, há uma sobrecarga de trabalho associada a esse profissional quando, segundo uma resolução do CNE, aponta que o professor pedagogo deva ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes e Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano. Tal sobrecarga poderia levar os profissionais ao erro de oferecer “qualquer coisa” para a Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental referente às aulas de Educação Física (FARIA, 2013, p. 5, citado por Ferreira e Torres, 2013, p.187).

No mesmo sentido, estudos mostram uma importante contribuição da Educação Física, quando ministrada pelo licenciado na área, no desenvolvimento psicomotor dos alunos. Ronchi (2010), por exemplo, afirma que a Educação Física colabora positivamente e diretamente no desenvolvimento motor dos estudantes, pelo fato de trabalhar diretamente com o corpo e o movimento humano.

A disciplina tem a capacidade de proporcionar uma compreensão maior do próprio corpo, além de despertar nas crianças a consciência corporal que lhes permite perceber melhor o mundo que vivem através das suas sensações e vivências corporais. Além disso, as aulas de Educação Física também podem ser usadas como ferramenta para o aprendizado de outras disciplinas.

Assim sendo, a Educação Física pode contribuir muito no desenvolvimento integral do aluno por conseguir fazer a integração entre a teoria e a prática de seus conteúdos e por conseguir trabalhar questões atitudinais junto à parte procedimental em diversas práticas corporais ajudando os estudantes não apenas no aspecto motor como também no aspecto comportamental e na construção de seus valores pessoais. Além da parte conceitual que pode participar deste processo de forma gradual e contínua sem que se perca o desenvolvimento das aulas.

Na educação infantil, etapa que antecede os anos iniciais do Ensino Fundamental, Ayoub (2001) afirma ser possível que profissionais de diferentes áreas trabalhem em parceria na educação infantil. Para esta autora mudanças excessivas de professores e/ou de atividades no mesmo dia podem dificultar as



relações educativas. A mesma autora reforça a construção de relações de parceria e não hierarquizadas entre profissionais levando a pensar não mais em professores generalistas e especialistas, mas em docentes que juntos compartilhariam seus saberes na construção de projetos educativos e no próprio processo de ensino e aprendizagem.

“Tradicionalmente, os professores oscilaram entre um extremo “individualismo” na ação pedagógica e modelos sindicais típicos de “funcionários do Estado”. São, nos dias de hoje, formas obsoletas de encarar a profissão. O empobrecimento das práticas associativas tem consequências muito negativas para a profissão docente. É urgente, por isso, descobrir novos sentidos para a ideia de coletivo profissional. É preciso inscrever rotinas de funcionamento, modos de decisão e práticas pedagógicas que apelem à co-responsabilização e à partilha entre colegas. É fundamental encontrar espaços de debate, de planificação e de análise, que acentuem a troca e a colaboração entre os professores”. (NÓVOA, 1999, p. 8).

Fraga (2005) destaca a importância de pensar a educação física não apenas a partir da questão da presença/ausência do professor da área ministrando aulas para crianças nos anos iniciais, o que poderia fazer com que a questão se centrasse numa disputa corporativa. Conforme o autor há diferentes formas de se incluir e valorizar a educação física nesse contexto, como, por exemplo, inserir professores desta área “sob forma de assessoria, atuando na elaboração de planejamentos e oferecendo subsídios teórico-metodológicos para lidar com a relação de ensino e aprendizagem através das práticas corporais, perspectiva também defendida por boa parte dos professores/as unidocentes” (FRAGA, 2005, p. 2).

Neste ponto que as relações pedagógicas entram e demonstram ter uma determinada importância. A partir dessas relações, as trocas de experiências e de informações referentes às turmas e aos alunos poderá se criar um espaço ativo e favorável na construção do processo pedagógico, tanto para os licenciados em Educação Física e unidocentes quanto para os alunos desta etapa educacional.

Nesse sentido, concordamos com Fonseca e colaboradores (2014) que colocam:

acreditamos que o trabalho docente deve transpor as questões de individualização tão presentes na nossa sociedade atual. Entendemos que uma das características da racionalidade neoliberal que vivemos hoje é a competição exacerbada a que somos submetidos e constrangidos, a qual nos conduz a individualização – embora acreditamos que devemos resistir. (p.261)

## **Relações pedagógicas**

Na execução do meu estágio obrigatório no Ensino Fundamental tive a excelente experiência de construir essa relação pedagógica, troca de ideias e experiências com a professora unidocente da turma que atendi, sendo está uma turma de terceiro ano. A escola fica na zona leste de Porto Alegre, onde a maioria dos estudantes provinha de classe média baixa. Muitos alunos com problemas familiares de estruturação e situações de conflitos, entre outras questões.

No momento inicial do estágio, estranhei o comportamento agressivo e compulsivo de alguns alunos e depois de conversas com a professora, fiquei sabendo de questões pessoais destes alunos que poderiam justificar suas atitudes dentro das aulas. Um dos alunos se mostrava bastante agressivo em situações simples que não havia necessidade de tanta raiva, depois que descobri que seu pai batia em sua mãe constantemente, buscamos trabalhar questões de limites e coletividade dentro das aulas, favorecendo um ambiente agradável e que ajudasse esse estudante a trabalhar sua questão subjetiva, mesmo que de forma abstrata, para que ele melhorasse nesse aspecto.

Outros alunos foram tema das conversas que tínhamos após as minhas aulas com a turma. A professora e eu buscamos algumas alternativas para trabalharmos em conjuntos, mesmo que separados, sendo ela dentro de sala e eu nas aulas de Educação Física, questões atitudinais que, para esta turma, era o foco principal, mais até que o aspecto motor. Afinal, estes alunos tinham um nível motor muito bom para a idade deles, porém, as atitudes e o comportamento deles precisavam ser trabalhados com mais ênfase naquele momento.

McDermott (1977), ao estudar os fundamentos relacionais de uma pedagogia bem sucedida, define relações como “acordos de trabalho ou consenso sobre quem eles são (as pessoas em interação) e o que acontece entre eles,

acordos que eles formulam, agem sobre, e usam juntos para avaliarem-se uns aos outros". (p. 199.)

Mas que relações pedagógicas são essas? Relações apenas de amizade entre o corpo docente, com conversas na sala dos professores no horário de recreio? Relações específicas por afinidade de conteúdos? Relações não mais que hierárquicas? Na verdade, buscaremos falar sobre as *relações dialógicas*<sup>6</sup> que vão se criando dentro do ambiente escolar na busca de construir e aprimorar, da melhor forma possível, o processo de ensino e aprendizagem.

Mas como se constroem essas relações dialógicas? De que forma essas relações entre professores se consolidam e passam a, de fato, ser construtivas e edificantes para os estudantes? Não sempre, mas muitas vezes esse tipo de relação acontece de forma dialética, onde surge uma tese, depois surge uma antítese e por fim, na mesma linha de raciocínio, surge a síntese que é o resultado da discussão entre a tese e a antítese, ou seja, uma nova afirmação que foi construída coletivamente, mesmo com possíveis divergências de ideias.

Sobre as relações pedagógicas, podemos dizer que os estudos vêm se intensificando bastante nos últimos anos, principalmente no que se refere à importância das relações/interações interpessoais entre os professores e os estudantes na busca do melhor desenvolvimento e aprendizagem por parte do aluno. Entretanto, pouco tem se estudado sobre as relações pedagógicas entre professores. Nesse sentido, quem está imerso no dia-a-dia da escola sabe que a qualidade dessas interações é fundamental para o desenvolvimento do projeto pedagógico e, portanto, das condições curriculares vividas de fato pelo aluno, afirmam Raposo e Maciel (2005).

Todavia, a relação que buscaremos estudar mais a fundo é a relação construída entre professores de Educação Física e os professores unidocentes. Ou seja, uma relação entre professor-professor, uma relação que pode apresentar um

---

<sup>6</sup> Considerado o autor mais importante da educação do século XX, desenvolveu em sua obra de 1970, *Pedagogia do Oprimido* (2003), a ideia da ação dialógica, na qual o diálogo é o processo básico para a aprendizagem e a transformação da realidade. Esse diálogo freiriano não tem um formato metodológico específico; consiste na construção de uma atitude de diálogo, que fomenta a curiosidade epistemológica e a recriação da cultura (Freire, 1997). Para Freire, a necessidade de diálogo faz parte da natureza humana; é um fator central na vida das pessoas na medida em que, por meio dele, nos criamos e recriamos. Para promover nos alunos e alunas uma aprendizagem libertadora, criadora de cultura e crítica em relação ao mundo, os educadores têm que proporcionar um ambiente de diálogo, no qual se propõem perguntas e se buscam respostas a partir da interação entre as pessoas e com o mundo (Freire, 1997).

grande papel dentro do ambiente escolar, assim como se torna uma relação muito complexa, ao apresentar, além das subjetividades dos professores, a área específica com seus valores, convicções e consensos já construídos em que eles estão inseridos.

As relações dialógicas e pedagógicas, nesse sentido, buscam unificar os conhecimentos das diversas áreas de conhecimento presentes dentro da escola, para construir, da melhor e mais democrática maneira, as formas de colocar em prática as atividades e conceitos presentes dentro dos seus planos de ensino visando o melhor desenvolvimento e aprendizagem por parte dos estudantes da escola.

Ainda nessa linha de pensamento, Raposo e Maciel (2005) destacam:

[...] O debate, que ocorre por meio de questionamentos, negociações, exemplificações, coloca-se como atividade obrigatória nas interações professor-professor na escola para a promoção de uma concepção de Homem, Mundo, Sociedade e Educação, mais flexível e menos alienante. Se os professores da escola conseguem estabelecer uma atmosfera de respeito mútuo, na qual as divergências são acolhidas, visões distintas confrontadas, bases de desacordos compreendidas e soluções comuns buscadas, poder-se-á dizer que, de fato, a interação social do grupo é não só formativa como também constitutiva de um novo saber e de uma nova forma de relacionamento interpessoal. (p.311)

Nóvoa (2001) coloca que essas equipes de trabalho são fundamentais para estimular o debate e a reflexão. Elas que irão consolidar sistemas de ação coletiva no seio do professorado, o que exigirá a construção de uma cultura de cooperação muito maior do que adesões ou ações individuais. Valorizando assim o trabalho coletivo por parte do corpo docente, instigando ao engajamento na busca de aprimorar o processo metodológico para a articulação entre as aprendizagens teóricas e as vivências práticas na construção do conhecimento.

Além disso, Alguns estudos sobre interação (Branco & Valsiner, 1997, Valsiner, 1987/1997, ambos citados por Raposo e Maciel (2005); Piaget, 1966) deixam claro que a cooperação intelectual em torno de um problema comum é fator fundamental do desenvolvimento. Ou seja, as trocas possíveis que podem acontecer dentro do corpo de professores, pela diversidade de áreas de conhecimento envolvidas e entrelaçadas, que agregam de formas diferentes, mas

no mesmo objetivo que é a busca da construção de um processo de ensino e aprendizagem favorável, proveitoso e efetivo aos estudantes.

### **Revisão bibliográfica**

As relações pedagógicas dentro do universo escolar se tornaram questões muito importantes a serem estudadas, observadas e discutidas dentro do âmbito científico. Principalmente a partir da década de 70 do século passado, que os estudos que envolvem os aspectos escolares têm, cada vez mais, apontado a importância das interações interpessoais que se constroem dentro do espaço escolar para o desenvolvimento dos estudantes e seus processos de aprendizagens.

A maior parte desses estudos tem enfatizado e contemplado principalmente as relações construídas entre professores e alunos (Müller, 2002; Tassoni, 2008; Tacca e Branco, 2008). E talvez essa seja a relação mais importante dentro do processo de aprendizagem como um todo. Ainda nesse sentido, Tassoni (2008) destaca que toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular. Ou seja, se pensarmos, especificamente, na aprendizagem escolar é possível observar que não bastam os livros, a escrita, o conteúdo escolar, se não houver boas relações entre o sujeito que ensina e o que está sendo ensinado para que se consolidem os aspectos positivos deste processo.

Educar, do latim *educare*, é conduzir de um estado a outro, é modificar numa certa direção o que é suscetível de educação, conforme é explicado por LIBÂNEO:

O ato pedagógico pode ser então definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais tanto no nível do intrapessoal como no nível de influência do meio, interação esta que se configura numa ação exercida sobre os sujeitos ou grupos de sujeitos visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta própria ação exercida. Presume-se aí, a interligação de três elementos: um agente (alguém, um grupo, etc.), uma mensagem transmitida (conteúdos, métodos, habilidades) e um educando (aluno, grupo de alunos, uma geração) (...) (1994, p.56)

Segundo Müller (2002), devemos pensar de maneira construtivista e repensar o papel do professor, pelo qual ele, na sua relação com os alunos, buscará formas de facilitar o aprendizado, além de incentivá-los e ajuda-los a construir seus próprios conhecimentos. Nos apoiaremos na frase de Chauí (1980, p. 39) citado por Müller (2002) que diz: “Ao professor não cabe dizer “faça como eu”, mas:” faça comigo”.

Seguindo este caminho, surgem algumas questões: será que é isso que vemos no cenário atual da nossa educação pública? Será que nossos professores estão recebendo uma formação de qualidade no que se refere a se relacionar com o próximo, seja aluno ou colega de profissão? Será que há uma preocupação em dinamização das metodologias de trabalho visando o melhor entendimento e participação do aluno, sendo ele o centro do processo de ensino e aprendizagem?

Dentro da literatura científica ainda encontramos, mesmo que em dimensões menores, quando comparados as relações entre professores e alunos, estudos que se propuseram a investigar e compreender as relações entre pares, ou seja, relações e interações sociais dos estudantes com eles mesmos dentro do ambiente escolar (Amado *et al*, 2014; Delors, 1998, Da silva, 2010). Essas relações se constroem e se consolidam durante todo o processo de escolarização (desde a Educação infantil até a conclusão do ensino médio) pelo qual o estudante percorre e, muitas vezes, os laços criados dentro da escola ultrapassam os portões da mesma e se intensificam pela vida.

Sobre essas relações que se constroem dentro da escola, Da silva (2010) coloca bem quando diz que:

A construção de uma sociedade se dá por meio de relações de convivência estabelecidas entre os indivíduos. O primeiro núcleo de interação com outros sujeitos ocorre na família, posteriormente adentra-se ao espaço escolar. É na escola que a criança entra em contato com outros indivíduos, diferentes daqueles pertencentes ao seu núcleo familiar, começando a conhecer e a conviver com as diferenças do outro.

Portanto, é desde muito cedo que as crianças começam suas interações com outras pessoas, que não as pertencentes a sua própria família, dentro do ambiente escolar. Ou seja, essas interações vão acontecendo naturalmente, favorecendo e instigando a comunicação, o trato, o convívio, a resolução de

problemas coletivos e reforçando o progresso dos estudantes no que se refere aos aspectos sócio-afetivos.

Para Delors (1998), entre os pilares necessários para a educação encontra-se a necessidade de conviver com os outros. Compreender o outro desenvolver a percepção da interdependência, da não-violência e administrar conflitos.

Na mesma linha, Amado *et al.* (2014) cita que a investigação feita em seu trabalho mostrou que a escola é um lugar de que o aluno gosta, mais pelo convívio e pelas amizades entre os pares, do que pelas aulas e pelas aprendizagens. No entanto, também se tem verificado uma associação positiva entre o gostar da escola, a atenção prestada pelo professor e o sucesso acadêmico.

Todavia, essas relações e interações construídas entre os estudantes conseguem perpassar o âmbito cognitivo, tão exigido dentro da escola moderna, e atinge a esfera sócio-afetiva diretamente ajudando o estudante na sua construção e firmamento de sua identidade, personalidade e valores. Além disso, essas relações sociais ajudam os estudantes a conseguirem trabalhar em grupo, ser solidários com seus colegas, aceitação e respeito às diferenças, sejam elas quais forem e, por último, mas não menos importante, desenvolver a consciência da incompletude dos indivíduos e dos saberes (Amado *et al.* 2014).

Já as relações pedagógicas e interações interpessoais entre os professores dentro do âmbito escolar dependem de uma série de fatores para que aconteçam de forma sadia e construtiva e não apenas por mera “educação” ou pela formalidade profissional exercida dentro da escola. Entre esses fatores podemos citar: a matéria/disciplina que o professor ensina, a faixa etária do corpo docente, situações pessoais do professor, como problemas familiares, financeiros ou pessoais Além disso, a carga de trabalho, a motivação <sup>7</sup>pessoal e o ego, muitas vezes, também podem ser fatores causadores da falta de interações entre os professores de uma escola.

Nesse sentido, Raposo e Maciel (2005) colocam que:

---

<sup>7</sup> A motivação é um processo que engloba motivos intrínsecos e extrínsecos de cada pessoa, motivos esses construídos nas inter-relações sociais, desde a mais tenra infância, e que acabam se efetivando na intrapessoalidade. Dessa forma, a cada nova situação vivenciada, novos motivos poderão ser construídos. Relacionando com a Educação, podemos considerar a motivação como um processo complexo que influencia diretamente o ensinar docente e o aprender de cada discente, revelando-se em distintas situações cotidianas, em cada instituição educativa. (MOSQUERA,; STOBAUS e DOS SANTOS, 2007)

A dificuldade nas interações entre os professores é uma realidade da cultura escolar observada mesmo entre professores da mesma área e da mesma série. Tal realidade implica, em geral, em resultados educacionais que ficam muito aquém do seu potencial de realização. Por outro lado, nas escolas onde se consegue co-construir um bom nível de interações sociais, constata-se a potencialização dos resultados educacionais e do desenvolvimento dos trabalhos, tanto individuais quanto coletivos. (p.310)

De acordo com Tacca e Branco (2003) os processos comunicativos efetivos ocorrem por meio de interações capazes de atingir a estrutura motivacional dos sujeitos que dela participam. Só dessa forma, esses processos são capazes de promover o desenvolvimento dos sujeitos. Assim sendo, essas interações e relações criadas entre o professorado dentro do âmbito escolar podem ser uma ferramenta muito construtiva e edificante no que se refere ao desenvolvimento e a potencialização dos efeitos e resultâncias do processo de ensino- aprendizagem.

Além disso, as mesmas autoras ainda destacam a importância de se compreender os sentidos subjetivos que integram o processo comunicativo dentro desse contexto para buscar compreender o que cada docente espera e almeja com a Educação dos estudantes ali inseridos e assim direcionar todas as energias positivas para o mesmo caminho e seguindo o mesmo fluxo.

São diversos os questionamentos que nos rodeiam dentro do campo da Educação referentes às relações pedagógicas e interações pessoais. A partir disso, podemos nos questionar. Será que nossos professores estão preocupados, ou podemos dizer preparados, com o todo o processo escolar dos estudantes? ou apenas estão preocupados/preparados com suas matérias específicas e suas partes procedimentais dentro do que se espera que um estudante aprenda durante o processo? Será que nossas escolas estão realmente preparadas e capazes de fomentar ou conduzir a construção dessas relações pedagógicas entre o seu corpo docente?

Raposo e Maciel (2005) ao estudar as interações interpessoais perceberam que simplesmente colocar indivíduos em grupo e dizer então para trabalharem juntos, não promove, por si só, o sucesso no alcance dos objetivos. Existem muitas formas nas quais os esforços do grupo podem dar errado. Somente sob certas condições esses esforços podem ser mais produtivos que esforços individuais.



Se pensarmos no quão enriquecedor, para o desenvolvimento humano, são as relações e interações sociais, podemos afirmar que a cada momento, a cada conversa, a cada contato aprendemos algo e esse aprendizado nos (re)transforma enquanto sujeito. Isso acontece tanto quando essas relações e interações acontecem entre professores e alunos quanto quando acontece com os pares, ou seja, professores com professores ou estudantes com estudantes.

Sendo assim, estamos em um constante processo de desenvolvimento. Onde, nossas relações nos fortalecem enquanto sujeito, nos coloca frente a questões que, talvez sozinhos, não questionaríamos, além de nos ensina a lidar com as diversas adversidades e diferenças presentes nas pessoas que nos rodeiam.

Para Tassoni (2008) o processo de aprendizagem ocorre em decorrência de interações sucessivas entre as pessoas, a partir de uma relação vincular, é, portanto, através do outro que o indivíduo adquire novas formas de pensar e agir e, dessa forma apropria-se (ou constrói) novos conhecimentos.

O contexto escolar pode propiciar amplas redes de sociabilidade, possibilitando as mais diversas relações pedagógicas visando à partilha de saberes para um mesmo fim entre os professores de uma escola. Ou seja, é nas situações dialógicas recorrentes dentro da escola que o corpo docente é capaz de desenvolver estratégias e metodologias de trabalho buscando a apreciação do estudante para com os conteúdos e a participação ativa deles nas aulas.

Além disso, as relações positivas entre o professorado pode propiciar uma partilha muito importante sobre fatores sociais, familiares e/ou econômicos dos estudantes, ajudando na compreensão de aspectos comportamentais, afetivos e atitudinais que interferem diretamente nas dificuldades de aprendizagem por parte dos mesmos.

As atividades interdisciplinares buscam incentivar essa interação entre o corpo docente, na iniciativa de fomentar uma construção coletiva entre os seus saberes, integrando a um determinado assunto e conseguindo ultrapassar a barreira do individualismo e, de forma conjunta, trabalhar os conteúdos com os estudantes. Conforme cita Japiassú (1996 p. 49), a interdisciplinaridade pode ser entendida não apenas como uma integração de disciplinas, mas uma integração de “todos os envolvidos no processo educativo”.

De acordo com Fazenda (2005), citado em IFF e Pedrosa (2014), muitos conceitos têm sido apontados por estudiosos que, por vezes, se perdem em nomenclaturas, mas que trazem na essência a mesma ideologia. Portanto, mais importante do que definir 'interdisciplinaridade' é construir um pensar interdisciplinar, é ter uma atitude interdisciplinar, em que a responsabilidade e a determinação sejam marcas indispensáveis, pois:

No projeto interdisciplinar não se ensina, nem se aprende: vive-se, exerce-se. A responsabilidade individual é a marca do projeto interdisciplinar, mas essa responsabilidade está imbuída do envolvimento – envolvimento esse que diz respeito ao projeto em si, às pessoas e às instituições a ele pertencentes (FAZENDA 2005, p. 17).

A interdisciplinaridade, dentro do contexto escolar, pode propiciar, tanto ao corpo docente quanto aos estudantes, uma forma renovadora de ensinar e aprender. Essa estratégia pedagógica, quando bem estruturada e exercida, pode colaborar com grandes resultados positivos na aprendizagem dos estudantes, pois eles acabam conseguindo enxergar um determinado conteúdo de diferentes formas, com visões diferentes advindas de cada disciplina que integra a atividade interdisciplinar proposta.

Segundo Japiassu (1976, p. 82) “o trabalho verdadeiramente interdisciplinar é muito árduo e sua realização extremamente difícil”, já que exige uma aproximação das diversas disciplinas e “uma tomada de consciência coletiva das questões em jogo” (JAPIASSU, 1976, p. 92).

Além disso, a prática interdisciplinar do saber é a face subjetiva da coletividade política dos sujeitos. Em todas as esferas de sua prática, os homens atuam como sujeitos coletivos. Por isso mesmo, o saber, como expressão da prática simbolizadora dos homens, só será autenticamente humano e autenticamente saber quando se der interdisciplinarmente (SEVERINO, 2007, p. 40).

Em um projeto interdisciplinar, marcado pela coletividade, pela profundidade nas relações entre pessoas, pela troca, pelo diálogo, depara-se com inúmeras barreiras, “que poderão ser transpostas pelo desejo de criar, de inovar, de ir além” (FAZENDA, 2005, p. 18). Ou seja, é necessário que haja comprometimento e envolvimento coletivo por parte do corpo docente para que consigamos ultrapassar

e romper as amarras do comodismo e do individualismo e consigamos construir, de forma concreta, positiva e eficaz, um processo educativo de qualidade e integral.

Assim sendo, as relações pedagógicas entre os professores, da mesma área ou não, podem contribuir indubitavelmente para a construção sólida e perdurável dos processos de ensino-aprendizagem dos estudantes. Quando há a partilha de saberes entre o corpo docente, a troca de experiências (dentro e fora sala de aula) e as relações dialógicas há também a criação de um ambiente agradável e amigável dentro da escola que, com certeza, favorece a troca de informações sobre os alunos, ajudando na descoberta de questões frágeis dentro dos muros das escolas, possibilitando um melhor amparo e olhar para com aqueles estudantes.

Sendo assim, surgem alguns questionamentos cruciais a respeito deste tema: Quais relações pedagógicas se estabelecem entre o professor de Educação Física e o professor unidocente nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Além disso, como se estabelecem e são construídas essas relações dentro do processo de escolarização desta etapa educacional?

Estes questionamentos nortearam o caminho traçado até o objetivo para este trabalho. Sendo estas questões, inquietações que surgiram durante o desenvolvimento deste processo. Portanto, o objetivo deste estudo é identificar e compreender a importância das relações pedagógicas e do diálogo entre o professor unidocente e o professor de Educação Física para o melhor desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

## Metodologia

Para esta pesquisa, utilizamos uma abordagem qualitativa, pois esta se mostrou uma abordagem mais adequada para responder a questão central da pesquisa e alcançar os objetivos traçados nesse estudo de caso. No mesmo rumo, Molina Neto (1999) afirma que a pesquisa qualitativa como um conjunto de pressupostos e procedimentos que se preocupam em descrever, explicar, interpretar e compreender as representações e os significados que um grupo específico atribuem as suas vivências diárias.

Além disso, Como qualquer pesquisa, o estudo de caso é geralmente organizado para estudar um objeto de pesquisa definido e peculiar contando com um pequeno número de questões que se referem ao como e ao por que da investigação. É provável que questões como essas estimulem também o uso de experimentos e pesquisas históricas (VENTURA, 2007, p. 385).

Segundo Gil (1995), o estudo de caso não aceita um roteiro rígido para a sua delimitação, mas é possível definir quatro fases que mostram o seu delineamento: São eles:

- *Delimitação da unidade-caso;*
- *Coleta de dados;*
- *Seleção, análise e interpretação dos dados;*
- *Elaboração do relatório.*

Conforme Lüdke e André (1986) outro ponto importante da pesquisa qualitativa é a presença do pesquisador no próprio local da investigação. Favorecendo assim a submersão completa por parte do pesquisador naquele ambiente que será estudado e analisado. A compreensão e o desenvolvimento do projeto de pesquisa se beneficiam quando o pesquisador se entrega e consegue se inserir de forma integral no contexto da análise.

Além disso, as boas relações interpessoais construídas no ambiente podem ser um fator importante na coleta dos dados da pesquisa, pois, quando o entrevistado se sente a vontade com o entrevistador, as respostas são mais

espontâneas e favorecem que estes dados sejam analisados de forma mais prudente posteriormente.

A pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos da sociedade, os quais estão inseridos em um determinado contexto e tem no estudo de caso o interesse em pesquisar uma situação singular, particular (BORTONI-RICARDO, 2008; OLIVEIRA, 2008).

Para esta pesquisa, escolhi as entrevistas semiestruturadas como ferramenta do processo metodológico. A entrevista semiestruturada, segundo Negrine (1999), pode ser assim definida:

É semiestruturada quando o instrumento de coleta está pensando para obter informações de questões concretas, previamente definidas pelo pesquisador e, ao mesmo tempo, permite que se realizem explorações não previstas, oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa (p. 76).

Para a construção da introdução e revisão bibliográfica deste estudo, foram consultadas, por afinidade acadêmica e direcionamentos, as bases de dados das revistas digitais *E-curriculo*, *Movimento*, *Currículo Sem Fronteiras*, *Portal de Periódicos* e o *Banco de Teses e Dissertações da CAPES*, *LUME UFRGS*, além da base de dados do *Scielo* e do *Google Acadêmico*.

A partir dessa primeira busca por referências, 48 artigos foram selecionados através da avaliação dos seus títulos e, destes, 41 passaram para uma segunda análise que foi a leitura dos resumos e palavras-chave. Cabe salientar que nas bases de dados que foram pesquisadas diretamente, pouco foi encontrado referente ao tema dessa pesquisa. Grande parte dos estudos utilizados foram encontradas em revistas paralelas direcionadas pelo *google acadêmico* e pelo *Scielo*.

Seguinte a isso, foram utilizados 39 artigos, mais as passagens de alguns livros na sustentação teórica do tema deste estudo, entretanto, grande parte do referencial teórico provém de outras áreas do conhecimento que, de alguma forma, mantém relações epistemológicas com a Educação Física. Utilizamos no presente estudo materiais da Psicologia, Pedagogia, Filosofia, Letras, Educação Física, além

de documentos elaborados pelo Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, dentre eles os PCN's<sup>8</sup>.

**Quadro 1:** *Revistas consultadas por afinidade acadêmica e direcionamentos.*

<b>REVISTAS</b>	<b>Autores</b>	<b>Obra</b>
<b><i>E curriculum</i></b>	***	***
<i>Movimento</i>	***	***
<b><i>Currículo sem fronteiras</i></b>	***	***
<i>Banco de teses e dissertações da CAPES</i>	***	***
<b><i>Portal de Periódicos da CAPES</i></b>	***	***

**Quadro 2:** *Revistas que foram encaminhadas e orientadas pelo google acadêmico ou pelo Scielo.*

<b>Revista</b>	<b>Autores</b>	<b>Obra</b>
<b><i>LUME – Repositório digital – UFRGS</i></b>	1 - PEREIRA, Ricardo Reuter.  2 - SOUZA, João Vicente Silva.	1 - A interdisciplinaridade na ação pedagógica do professor e educação física da rede municipal de ensino de Porto Alegre.  2 - O Projeto Amora: assombros, resistências e potencialidades de uma alternativa interdisciplinar: movimentos para uma nova ética e uma nova estética para a

<sup>8</sup> Os PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais são diretrizes elaboradas pelo Governo Federal com o objetivo principal de orientar os educadores por meio da normatização de alguns aspectos fundamentais concernentes a cada disciplina.

		educação?
<b>Sísifo. Revista de Ciências da Educação</b>	1 - AMADO, João et al.	1 - O lugar da afectividade na Relação Pedagógica. Contributos para a Formação de Professores (2009)
<b>Revista Paulista de Educação Física</b>	1 - AYOUB, Eliana.	1 - Reflexões sobre a educação física na educação infantil
<b>Revista Educação e Sociedade</b>	1 - CHAUI, Marilena de Souza.	1 - Ideologia e educação
<b>Kinesis</b>	1 - DA FONSECA, Denise Grosso; CARDOSO, Lisiane Torres	1 - Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental: a questão da unidocência.
<b>Trabalho de iniciação científica Curso de Pedagogia da UESPI</b>	1 - DA SILVA, Francilene Rodrigues; SOARES, Antonio Francisco.	1 - A construção da relação de convivência entre alunos no espaço escolar.
<b>Revista Educação e Linguagens</b>	1 - DA SILVA, Danitza Dianderas.	1 - AS RELAÇÕES DIALÓGICAS EM PAULO FREIRE: DA AÇÃO DOCENTE À ALFABETIZAÇÃO.
<b>Revista brasileira de Ciências do Esporte</b>	1 - DE OLIVEIRA, Nara Rejane Cruz.	1 - Concepção de infância na educação física brasileira: primeiras aproximações.
<b>Relatório para a Unesco da</b>	1 - DELORS, Jacques et al.	1 - Educação: um tesouro a descobrir

<p><b>Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI.</b></p>		
<p><b>Revista EDUCAÇÃO/ Repositório digital da PUCRS</b></p>	<p>1 - DOS SANTOS, Bettina Steren; MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÄUS, Claus Dieter. Educação (PUCRS. Impresso),</p> <p>2 – GUTERREZ, Rodrigo de Azambuja <i>et al.</i></p>	<p>1 - Processos motivacionais em contextos educativos.</p> <p>2 - Educação física nas séries iniciais: uma proposta de bemestar para unidocentes do município de alegrete-rs</p>
<p><b>Journal of Physical Education</b></p>	<p>1 - ETCHEPARE, Luciane Sanchonete; PEREIRA, Érico Felden; ZINN, João Luiz.</p>	<p>1 - Educação física nas séries iniciais do Ensino Fundamental.</p>
<p><b>Cadernos de Formação RBCE</b></p>	<p>1 - FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime.</p> <p>2 - WELTER, Jaqueline; WELTER, Renata; SAWITZKI, Rosalvo Luis.</p>	<p>1 - Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da ef escolar.</p> <p>2 - A contribuição do subprojeto PIBID/EDF no processo de planejamento das aulas de Educação Física para os anos iniciais.</p>
<p><b>Revista FSA (faculdade Santo Agostinho)</b></p>	<p>1 - FERREIRA, Heraldo Simões; TORRES, Aline Lima.</p>	<p>1 - Educação Física na educação infantil e no ensino fundamental na</p>



		percepção de pedagogos: Um estudo de caso.
<b>Revista Digital. Buenos Aires</b>	1 - FRAGA, A.F.	1 - Educação Física nos primeiros anos do ensino fundamental brasileiro.
***	1 - GIL, Antonio Carlos.	1 - Como elaborar projetos de pesquisa
<b>Cadernos do CNLF (congresso nacional de linguística e filologia) fonética, fonologia, ortografia</b>	1 - IFF, Sebastião Reis Teixeira Zanon; PEDROSA, Andressa Teixeira.	1 - Interdisciplinaridade e educação.
<b>Revista Brasileira de Ciências do Esporte</b>	1 - JÚNIOR, Marcílio Souza et al.	<b>Coletivo de autores:</b> A cultura corporal em questão.
<b>Repositório Digital UNICAMP</b>	1 - LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli EDA.	1 - Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.
<b>Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte</b>	1 - MAGALHÃES, Joana S.; KOBAL, Marília Corrêa; DE GODOY, Regiane Peron.	1 - Educação Física na Educação Infantil: uma parceria necessária.
<b>Harvard educational review</b>	1 - MCDERMOTT, Ray.	1 - Social relations as contexts for learning in school.
<b>Revista Brasileira de Educação Física e Esporte</b>	1 - MIYABAYASHI, Luciane Akemi; PIMENTEL, GG de A.	1 - Interações sociais e proficiência motora em escolares do ensino fundamental.
<b>Educação</b>	1 - MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÄUS,	1 - Grupo de pesquisa mal-estar e bem-estar na

	Claus; DOS SANTOS, Bettina Steren.	docência.
<b><i>Integração Ensino Pesquisa Extensão</i></b>	1 - MÜLLER, Luiza de Souza.	1 - A interação professor-aluno no processo educativo.
<b><i>Editora/Universidade SULINA</i></b>	1 - NEGRINE, Airton.	1 - Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas.
<b><i>Repositório da Universidade de Lisboa</i></b>	1 - NÓVOA, António.	1 - Formação de professores e profissão docente
<b><i>Revista Nova Escola</i></b>	1 - NÓVOA, Antonio.	1 - Professor se forma na escola.
<b><i>Psicologia: Teoria e pesquisa</i></b>	1 - RAPOSO, Mirian Barbosa Tavares; MACIEL, Diva Maria Moraes Albuquerque.	1 - As interações professor-professor na co-construção dos projetos pedagógicos na escola
<b><i>Revelli</i></b>	1 - REIS, Marlene Barbosa de Freitas.	1 - Interdisciplinaridade na prática pedagógica: um desafio possível.
<b><i>REVISTA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM</i></b>	***	1 - APRENDIZAGEM DIALÓGICA.
<b><i>Repositório digital UNESC</i></b>	1 - RONCHI, Franciele Mezzari.	1 - A influência da Educação Física escolar para o desenvolvimento motor nas séries iniciais

		do Ensino Fundamental.
<b><i>Motrivivência</i></b>	1 - SAYÃO, Deborah Thomé.	1 - Educação Física na Educação infantil: Riscos conflitos e controvérsias.
<b><i>Didática e interdisciplinaridade</i></b>	1 - SEVERINO, Antônio Joaquim.	1 - O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: o saber como intencionalização da prática
<b><i>Revista de Psicologia</i></b>	1 - TACCA, M. C.; BRANCO, A. U.	1 - Comunicación y metacomunicación en situaciones de enseñanza y aprendizaje.
<b><i>Psicologia, análise e crítica da prática educacional</i></b>	1 - TASSONI, E. C. M.	1 - Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno.
<b><i>Psychology and developing societies</i></b>	1 - UCHOA BRANCO, Angela; VALSINER, Jaan	1 - Changing methodologies: A co-constructivist study of goal orientations in social interactions.
<b><i>***</i></b>	1 - VALSINER, Jaan. (1997).	1 - Crossroads of the deductive and inductive lines of knowledge construction in psychology.
<b><i>Estudos de Psicologia</i></b>	1 - VILLELA ROSA TACCA, Maria Carmen; UCHOA DE ABREU BRANCO, Ângela Maria Cristina.	1 - Processos de significação na relação professor-alunos: uma perspectiva sociocultural construtivista.

<b>Revista SoCERJ</b>	1 - VENTURA, Magda Maria.	1 - O estudo de caso como modalidade de pesquisa.
-----------------------	---------------------------	---

**LEGENDA DO QUADRO 2:** \*\*\* - Não encontrado.

**Quadro 3:** Quadro com nome dos livros e autores utilizados na construção do referencial teórico e introdução deste estudo.

<b>LIVROS UTILIZADOS PARA O REFERÊNCIAL TEÓRICO</b>	
<b>Autores</b>	<b>Obras</b>
<b>Paulo Freire</b>	Pedagogia da Autonomia. 36ª edição
<b>David L. Gallahue; John C. Ozmun; Jackie D. Goodway</b>	Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos
<b>Hilton Japiassu</b>	Interdisciplinaridade e patologia do saber.
<b>José Carlos Libâneo</b>	Didática
<b>Gimeno Sacristán e Ángel I. Pérez Gómez</b>	Compreender e transformar o ensino (capítulo 1 - As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência)
<b>Jean Piaget</b>	La naissance de l'intelligence chez l'enfant (O nascimento da inteligência em crianças)

<b><i>Vilma L. Nista Piccolo et al.</i></b>	Educação Física escolar: ser ou não ter
<b><i>NETO, Vicente Molina; TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva.</i></b>	A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas
<b><i>FAZENDA, Ivani.</i></b>	Práticas interdisciplinares na escola
<b><i>COLETIVO DE AUTORES.</i></b>	Metodologia, do ensino de educação física.

Após isso, neste estudo de caso, foram entrevistadas duas professoras unidocentes atuantes nos anos iniciais do ensino fundamental, da rede estadual de Educação do Rio Grande do Sul. A entrevista semiestruturada se deu com perguntas direcionadas às relações pedagógicas e a interação interdisciplinar entre os professores unidocentes e os professores de Educação Física, voltada ao melhor desenvolvimento e aprendizagem dos estudantes (*apêndice I*).

As entrevistas foram, primeiramente, gravadas e depois transcritas com o intuito de realizar a avaliação e elaboração da análise de dados deste estudo de caso. As professoras que responderam a entrevista foram convidadas de forma voluntária. As professoras manifestaram a aceitação do convite de participação quando apresentei-lhes o tema desta pesquisa.

Para fins acadêmicos, manteremos o sigilo dos nomes das professoras colaboradoras. Portanto, contamos com a participação da professora Sol e da professora Lua para responderem a entrevista. Ambas as professoras trabalharam comigo durante minha experiência como bolsista do sistema PIBID da Capes em uma Escola Estadual de Ensino fundamental, na zona norte de Porto Alegre, durante três anos. Porém, devido a percalços governamentais relacionados à Educação, o contato para esta pesquisa ocorreu em outra escola da rede que as

professoras também desempenham a docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Para comodidade das professoras entrevistadas, as entrevistas ocorreram na própria escola. Escola esta, da rede Estadual de Ensino Fundamental localizada na zona central de Porto Alegre e atende aproximadamente 100 alunos de diferentes contextos. O contato foi feito via redes sociais com as professoras que, por sua vez, fizeram o intermédio com a direção da escola para o desenvolvimento dessas entrevistas para a presente pesquisa.

A professora Sol é mulher, tem 44 anos de idade e é mãe de uma filha de seis anos. Além disso, ela é formada em pedagogia, com 23 anos de atuação na área da Educação. Dentro desse tempo, passou por quatro escolas estaduais e uma escola de Educação Infantil privada, esta logo no início de sua formação. A professora Sol já atuou como supervisora em uma das escolas que passou, professora de sala de recursos em outra e como professora unidocente dos anos iniciais em todas as escolas que passou.

A professora Sol é uma professora muito atenciosa, querida e quista pelos alunos da escola. Além disso, demonstrou em seu relato uma grande e vasta experiência dentro de sala de aula e em outros setores de dentro da escola como supervisora e professora de sala de recursos. Sua caminhada pela estrada da Educação é bem completa e com um compromisso desmedido e imenso para com os estudantes e o processo escolar.

A professora Lua também é mulher, tem 49 anos e não tem filhos. A professora Lua é formada em pedagogia e também tem o título de magistério, com tempo total de atuação na área de 16 anos. Dentre esses 16 anos, foram sete anos em uma escola de Educação Infantil, dois anos na rede municipal e outros seis anos na rede estadual, onde atua até hoje. Em todos os lugares, trabalhou como professora de sala dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A professora Lua, diferentemente da professora Sol, traçou sua experiência apenas lecionando em sala de aula. Optou por não trabalhar em setores administrativos dentro do ambiente escolar. Além disso, ela também tem uma vasta e sólida experiência dentro de sala de aula. A professora Lua, além de pedagoga e com formação em magistério, também é pós-graduada em alfabetização e letramento com ênfase na perspectiva lúdica.

No momento atual, ambas as professoras atuam nas mesmas duas escolas estaduais do município de Porto Alegre. Uma na zona norte de Porto Alegre e a outra na zona central que onde foi realizada essa pesquisa.

Devido à falta de professores de Educação Física nas escolas que elas lecionam atualmente, ficou aberto a elas falarem de suas experiências anteriores e não apenas as experiências atuais.

## **Análise de dados**

A seguir apresentaremos os resultados alcançados através da análise das respostas provenientes das entrevistas semiestruturadas realizadas com as professoras unidocentes. O processo analítico nos trouxe uma grande clareza do olhar das unidocentes a respeito do tema sobre as relações pedagógicas entre o corpo docente, principalmente, no que se refere às relações entre unidocentes e professores de Educação Física. Além disso, outros temas como formação acadêmica insuficiente no que se refere ao ensino da Educação Física, os significados de Educação Física para cada unidocente e o ponto de vista delas a respeito da atual geração de alunos também foram encontrados nas respostas cedidas a entrevista.

A visão das unidocentes e suas respostas às questões propostas nas entrevistas nos deu um grande suporte e nos contemplou com um grande e sólido material de análise para a construção desses resultados e discussão. Através das entrevistas, buscamos responder os questionamentos que nortearam essa pesquisa, além de analisar a importância dessas relações pedagógicas dentro do ambiente escolar e do processo educacional. Lembro rapidamente:

- *Quais relações pedagógicas se estabelecem entre o professor de Educação Física e o professor unidocente nos anos iniciais do Ensino Fundamental?*
- *Como elas se estabelecem dentro do processo de escolarização desta etapa educacional?*

### **1. Relações pedagógicas entre o corpo docente no ambiente escolar**

Através da fala das professoras, neste estudo de caso, podemos observar que as relações pedagógicas que elas consideram estarem mais presentes dentro do ambiente escolar entre unidocentes e professores de Educação Física, realmente, são as relações dialógicas. Relações estas que se caracterizam por fomentar e incentivar o diálogo, mesmo com ideias e ideais diferentes por parte dos



participantes dessa discussão, contanto que todos tenham o mesmo objetivo e busquem encontrar formas de superar as dificuldades, os ruídos da comunicação e concorram para o mesmo fim.

Segundo Da Silva (2015):

Tratar sobre as relações dialógicas na perspectiva freireana é considerar que este processo envolve a constituição do eu e do outro, sendo um meio pelo qual o sujeito busca sua compreensão na história, permitindo sua transformação na sociedade por uma busca da liberdade.

Para Freire (2008b), ainda segundo essa autora, a liberdade depende do sentido que o eu dá a ela. E, quando, o eu e o outro direciona o diálogo para buscar a democracia, a liberdade possui caráter de libertação dos sujeitos envolvidos nesse processo.

Além disso, Da Silva (2015) ainda destaca que a escola está rodeada de eus e tus que compõem diferentes vozes, e as relações dialógicas permeiam essas vozes, compondo os diversos fatores da sociedade. Essa construção da interação entre a comunidade escolar favorece as possibilidades que podem ser criadas através do processo dialógico que envolve a escola, favorecendo também o processo de escolarização por inteiro.

Essas relações dialógicas provocam a construção coletiva, por parte do corpo docente, de estratégias de trabalho e de ensino-aprendizagem para lidar com situações não comuns que ocorrem dentro dos muros da escola no cotidiano além de outras questões referentes ao processo. Além disso, essas relações despertam a sensibilidade do grupo quanto às divergências de ideias e a subjetividade de cada ser que integra o grupo. Se cada aluno é um ser único e com suas individualidades, valores, sentimentos, experiências, entre outros, podemos assim pensar, da mesma forma, sobre os professores.

Corroborando essa ideia, Nóvoa (2001) considera que a escola precisa mudar institucionalmente, pois, o contexto em que exercemos nossa atividade, influencia fortemente o nosso desenvolvimento pessoal e profissional. Por isso, sugere que o professor veja a escola não só como o lugar onde ele ensina, mas onde aprende. O autor ainda considera que a atualização e a produção de novas práticas de ensino só surgem de uma reflexão partilhada entre os colegas, que tem

lugar na escola e nasce do esforço de encontrar respostas para problemas educativos.

Assim sendo, os achados neste estudo corroboram os achados de Passos citado por Raposo e Maciel (2005), pois este autor considera que a interação dos membros do grupo deve ser valorizada, pois os professores podem se apoiar mutuamente, sustentar o crescimento uns dos outros e olhar para os seus problemas compreendendo que têm uma relação com os de outros professores, com a própria estrutura da escola ou do sistema educativo.

Referente às relações pedagógicas e dialógicas entre unidocentes e professores de Educação Física podemos observar nas respostas que o diálogo construtivo, as conversas, as chamadas “trocas de figurinhas<sup>9</sup>” e as trocas situacionais ou pedagógicas<sup>10</sup> entre o corpo docente são os produtos das relações pedagógicas que elas consideram de extrema valia para um processo pedagógico expressivo e construtivo ao desenvolvimento integral dos estudantes.

Além disso, essas “trocas de figurinhas” se mostram uma ferramenta que possibilita, ainda mais, a interação entre os mesmos. As trocas de experiências, a partilha de saberes, os relatos particulares, as alegrias e aflições compartilhadas em sala de aula, todas essas questões acabam germinando e consolidando a união entre o grupo e contribuem para que se abram possibilidades de interação e horizontalidade dentro da escola.

Tacca e Branco, citado por Raposo e Maciel (2005) ressaltam o papel da comunicação nos processos interativos e trazem estudos sobre processos de significação no contexto educacional. Nesses estudos mostram que, em qualquer processo interativo, todos os envolvidos são sujeitos ativos e têm a comunicação como eixo principal do processo interativo. Esta, por sua vez, não está restrita a meios verbais e diretos, mas abrange qualquer forma que resulte em interação e

---

<sup>9</sup> - O ato de trocar figurinhas significa o intercâmbio de imagens colecionáveis, realizado por crianças ou, até mesmo, por adultos. Neste estudo, baseado na fala de uma das unidocentes entrevistadas, utilizamos essa expressão como um termo interligado as trocas de experiências, as trocas de conhecimentos ou as trocas de ideias entre os sujeitos.

<sup>10</sup> - Entendemos como “trocas situacionais ou pedagógicas” as trocas, através do diálogo, referentes às situações individuais de cada professor em seu cotidiano de sala de aula. Ou seja, os professores compartilharão com os demais colegas experiências de como lidaram com determinada situação, seja em sala de aula, quadra da escola, sala de vídeo, entre outros espaços ou até mesmo com um determinado aluno.

conduza ao alcance de algum objetivo, ou seja, inclui o cognitivo, o afetivo e as emoções.

Assim sendo, quanto mais afinidade, aproximação, similitude e conexão o grupo tem, mais favorável e promissor se torna o processo de ensino-aprendizagem dentro do ambiente escolar. Quanto maior a ligação e a empatia da comunidade escolar e do corpo docente mutuamente, mais auspiciosas são as chances de o grupo desenvolver trabalhos coletivos visando os objetivos centrados no estudante como centro do processo.

“Eu sempre me dei bem com os professores de Educação Física porque eu participo junto. Eu vou lá e pergunto, sempre vou lá e assisto, sempre, sabe, tenho interesse. Sempre perguntava como estava à aula, E aí, tudo certo? Direto assim. Por que a gente precisa saber, não é uma coisa a parte, é uma coisa junta, o aluno é um único, o processo é um só. Então, eu acho essas muito importantes. Acho que a troca de figurinhas, assim, entre todos os professores, não só os de Educação Física, mas se tivesse os de Artes, se tivesse o de Religião, se tivesse o de Dança eu acho que essas trocas são muito importantes.”

*(Entrevista professora Sol)*

Segundo Tacca e Branco, citado por Raposo e Maciel (2005) os processos comunicativos efetivos ocorrem por meio de interações capazes de atingir a estrutura motivacional dos sujeitos que dela participam. Só dessa forma, esses processos são capazes de promover o desenvolvimento dos sujeitos.

Além disso, a interdisciplinaridade como ferramenta e suporte pedagógico também foi citado pelas professoras unidocentes entrevistadas. A predisposição para o desenvolvimento de tal prática se mostra bem presente nas duas entrevistadas deste estudo que demonstraram bastante apreço por esse tipo de trabalho nos anos iniciais.

“[...]Até com os estagiários, os outros que estavam aqui. A gente, da turma, tava fazendo um trabalho sobre uma história que eu li, que tinha um vulcão e não sei o que. Conteí a história pros guris do vulcão e tal, aí eu falei pros guris: “Quem sabe vocês façam alguma coisa assim? Por mim não tem problema, eu ajudo. [...] Olha, eles fizeram um vulcão, botaram argila, tenho até foto. Botaram as crianças a mexer na argila, trabalhando motricidade. Aí numa outra aula eles fizeram o vulcão entrar em erupção com aquela espuma subindo. Aquelas crianças estavam assim (demonstrou uma fisionomia de espanto), né?! Então assim, fluiu. Eles mesmo não esperavam que desse esse resultado. Então assim, sempre que dá, eu falo: “Pode fazer isso aqui, eu trabalho junto!”

*(Entrevista professora LUA)*

Além disso, esse tipo de projeto tem a capacidade de promover o diálogo e a comunicação entre os professores que, por sua vez, precisam trabalhar em conjunto e criar coletivamente para desenvolver tal projeto. A interação é inerente ao processo interdisciplinar, favorecendo as relações pedagógicas e dialógicas entre o corpo docente e, mais acentuadamente ainda, entre os professores que atuam ativamente nos projetos e implicam seu engajamento para com seu trabalho docente.

Nesse mesmo sentido, encontramos certa proximidade na fala de Raposo e Maciel (2005) condizendo tal pensamento:

Caberá aos professor, portanto, recusar o individualismo em busca de novas práticas de ensino. As identidades isoladas, construídas historicamente pelos docentes precisam ser superadas em busca de uma dimensão de grupo, que rejeite o corporativismo e afirme a existência do coletivo profissional. (p.311)

Essa atuação conjunta, como a partilha de uma proposta interdisciplinar foi relatada como importante e significativo ao processo de ensino e aprendizagem, visando à integração dos professores e usufruindo dos pontos positivos destas propostas como a motivação gerada nos estudantes devido a mudanças de uma conjuntura rotineira e tradicional voltada a apenas a transmissão de pensamento enraizada em nossa cultura voltada ao ensino, para uma outra metodologia diferenciada, contemporânea e mais plausível aos estudantes e ao momento atual da sociedade.

Para Câmara (1999), citado por Reis (2009):

A interdisciplinaridade deve ser pensada como entre ciências, por um lado, considerando o território de cada uma delas e, ao mesmo tempo, identificando possíveis áreas que possam se entrecruzar, buscando as conexões possíveis. E essa busca se realiza por meio de um processo dialógico que permite novas interpretações, mudança de visão, avaliação crítica de pressupostos, um aprender com o outro, uma nova reorganização do pensar e do fazer. (p.28).

Nesse sentido, encontramos na fala das unidocentes, relatos referentes a adoção dessa metodologia interdisciplinar, indicando que elas consideram importante esse tipo de trabalho pedagógico dentro do âmbito escolar,

considerando a integralidade e as diversas possibilidades que se criam no processo de ensino-aprendizagem para todos os eixos da escola.

“Pra poder juntar né, botar algo de matemática na Educação Física, ter uma relação entre as matérias. Com certeza. [...] A interação entre os profes da escola agrega muito para os alunos, eles saberem que podem contar com a gente, eles verem nosso trabalho em fazer aulas diferentes ou em dupla com outro profe. Acho que sim, é bem importante essas relações”.

(Entrevista professora Lua)

“Nas escolas que tive a presença de professores de Educação Física, sempre buscamos isso, de conversar bastante, não apenas sobre o que os alunos aprenderam, mas o que precisam aprender, como os pontos fracos que podem ser melhorados. Às vezes, até um projeto que a gente tá trabalhando com a turma, acho que a Educação Física pode contribuir com esse projeto né?! Um trabalho, alguma coisa que pode ter partido da profe enxergar algum ponto da turma. “Ah, precisamos trabalhar isso”, ou do aluno pedir: “Bah profe, eu gostaria de ver aquilo”. Ai a gente vê com a turma e já começa tudo, ai eu acho que a Educação Física pode entrar colaborando”.

(Entrevista professora SOL).

Podemos observar na fala da professora Sol que a preocupação com o desenvolvimento e aprendizagem do aluno são muito levados em consideração por parte dos professores. Essas questões se fazem muito importantes e precisam de mais atenção, pois se pensarmos que uma disciplina pode auxiliar a outra dentro do processo de escolarização, os saberes e conhecimentos que os estudantes construirão durante este processo poderão ter ligações com as práticas pedagógicas tanto em sala de aula quanto nas aulas de Educação Física, facilitando a compreensão dos estudantes.

Já na fala da professora Lua conseguimos perceber que para ela o desenvolvimento de um projeto interdisciplinar também se mostra importante, tanto para os professores quanto para os estudantes que, ao verem o corpo docente unido, se sentem mais seguros e amparados, de certa forma, por essa união.

Mesmo com a grande demanda de trabalho e apenas o recreio como “*rota de fuga*” dentro da escola, ainda assim, os professores utilizam seu horário do recreio (ou horário de intervalo) para essas conversas e diálogos sobre o processo que cada professor está enfrentando, caracterizando as trocas situacionais e pedagógicas. Além disso, sendo o estudante o centro do processo, ele acaba

sendo o assunto principal das discussões entre os professores como na citação da professora Sol logo abaixo.

“Tu sabe que o recreio, muitas vezes, é pra gente meio que extravasar assim, né?! Mas a gente fala da criança. Acho que de 15 minutos do recreio, pelo menos acho que 10 minutos, é da criança que a gente fala sabe?! A gente acaba colocando ali pra fora, assim, aquilo que a gente vivenciou na sala de aula há 5 minutos atrás, um período atrás”.

(Entrevista professora Sol).

Além disso, outro fator importante encontrado na fala das unidocentes foi o fato de elas sentirem a necessidade e darem devida importância à participação do grupo de trabalho e dos professores de Educação Física nos conselhos de classe das turmas. Segundo elas, isso se faz muito importante, pois a presença de diferentes profissionais fazendo a avaliação conjunta auxilia em melhorias e modificações nas metodologias do trabalho pedagógico.

“Então, essa relação de todos assim, na troca de todos é legal. Dos conselhos de classe que participa toda a equipe e que a gente sabe, olha, trocar muitas figurinhas e até ouvir conselhos no conselho de classe. “Ah, quem sabe tu faz diferente? quem sabe tu faz assim? De tudo, de todos os professores”.

(Entrevista professora Sol).

Por outro lado, as relações pedagógicas provenientes do processo avaliativo se mostram benéficas ao melhor desenvolvimento dos estudantes, pois estas resultam em consensos sobre os estudantes e, conseqüentemente, progressos e aperfeiçoamentos nos processos pedagógicos e metodológicos. Além disso, a participação dos professores de Educação Física dentro do processo avaliativo da escola retrata uma significativa troca de informações referente aos estudantes em diferentes contextos escolares, auxiliando o corpo docente a compreender determinados acontecimentos, comportamentos e atitudes dos alunos.

“Mesmo quando supervisora, sempre tentei essa troca, de estar sempre falando não apenas com os professores de Educação Física, mas com as outras colegas também. A participação dos professores de Educação Física nos conselhos de classe também é importante porque a visão do aluno na sala de aula é uma visão, né?! Um pouco diferente do aluno no pátio, do horário livre ou até da Educação Física.”

(Entrevista professora Sol).

Na fala da professora, podemos perceber que os estudantes têm comportamentos e atitudes diferentes dependendo do contexto escolar que está inserido. Dentro de sala de aula o comportamento do estudante é um, porém, na quadra da escola, durante uma aula de Educação Física os estudantes tendem a demonstrar certa liberdade ou emancipação<sup>11</sup>. Além disso, podemos dizer que no recreio ou no refeitório da escola, o comportamento do estudante ainda será diferente dos outros dois contextos que citamos anteriormente.

Sendo assim, por último, mas não menos importante, precisamos falar a respeito da aprendizagem se dar para além da sala de aula e, assim sendo, todos os sujeitos da comunidade escolar e do grupo de trabalho (em sua integralidade) precisam estar envolvidos com esse processo. Falamos bastante a respeito dos docentes e dos estudantes, porém, precisamos falar das pessoas que também são protagonistas neste processo, porém, não tem tanta visibilidade com o merecido reconhecimento de seu trabalho.

Estamos falando das colaboradoras que cuidam da limpeza da escola que permitem que o trabalho dentro da mesma seja feito em um ambiente limpo, que favoreça o desenvolvimento de um bom e saudável trabalho dentro da sala de aula. Que mantém os banheiros limpos para que, tanto os estudantes quanto o grupo de trabalho da escola, possam utilizar os sanitários sem problemas durante o turno letivo.

Falamos também das colaboradoras que são responsáveis pelo preparo da merenda e dos lanches no refeitório da escola. Afinal, o trabalho delas é de extrema importância, principalmente quando nos referimos às escolas das regiões periféricas da cidade, onde, muitas vezes, o lanche ou merenda cedido na escola é uma das poucas refeições que alguns estudantes fazem durante o dia.

Por outro lado, além dessas contribuições específicas aos seus cargos, essas colaboradoras do grupo de trabalho contribuem de outra forma, mais relacionada ao próprio processo de aprendizagem. Por se relacionarem com os alunos e por terem outro olhar a respeito deles em um “novo contexto” (o pátio e/ou o refeitório) acabam prestando atenção em situações e determinadas ocorrências

---

<sup>11</sup> - Nesse caso, utilizamos o termo emancipação como o ato de tornar-se livre ou independente do momento maquinário da produção escolar. Ou seja, neste momento, não estamos utilizando o termo com sua conotação filosófica-política que caracteriza a emancipação como a luta das minorias pelos seus direitos de igualdade ou pelos seus direitos políticos enquanto cidadãos.

e, conseqüentemente, participam das “trocas de figurinhas” citadas no início da análise dos dados deste estudo.

“Sim, tudo é importante. Toda a Escola é importante. Acho que desde a faxineira que limpa a sala de aula, que sabe o aluno que desenhou na mesa, o aluno que fez ponta assim no chão e não fez no lixo, sabe?! Desde ela, desde a menina que serve a merenda. [...] Como lá na outra escola eles têm o refeitório e eles vão pra merenda lá, elas (as tias da merenda) escutam uns assuntos entre eles e vem falar pra gente: “olha, o fulaninho tá falando isso na merenda”. Ou então assim, o que não aproveitou o lanche, colocou todo fora, vai lá serve e coloca fora. Desde elas, que nos dão a ideia (visão no caso) de aluno fora da sala de aula, como todos os outros professores, a direção também”.  
(Entrevista professora Sol).

Na fala da professora, foi possível observar que essa parceria conjunta, colaboração coletiva e contribuição de todas as áreas envolvidas neste processo, fazem com que o grupo de trabalho e o corpo docente tenham conhecimento de aspectos importantes referentes aos estudantes e suas diferentes personalidades moldadas por um contexto específico dentro da escola.

Por isso compreendemos que o processo de ensino e aprendizagem precisa da participação de todos para que seja possível a integralidade total do trabalho pedagógico, favorecendo assim, a consolidação da Escola como um espaço de formação mútua e contínua, além de fomentar e incentivar ações colaborativas dentro do processo de ensino e aprendizagem.

## **2. Formação de professores unidocentes e suas experiências docentes com a Educação Física**

Sabemos que a atual realidade político-social não contribui, tampouco oferece condições para estas redes de formação contínua se deem para além da teoria e se consolidem de fato entre os professores dentro das escolas.

Assim sendo, é inegável a necessidade de melhorias nos programas de formação de professores, sejam eles unidocentes ou não, carecemos de uma formação e uma preparação mais sólida e que não busque apenas nos habilitar para a introdução na esfera científica ou a construção de uma disputa acadêmica individualista, mas sim uma formação voltada às práticas pedagógicas, às políticas



educativas e que, além disso, busque mostrar a plenitude que existe por trás do processo de escolarização.

Para Nóvoa (1992):

Não se trata de mobilizar a experiência apenas numa dimensão pedagógica, mas também num quadro conceitual de produção de saberes. Por isso, é importante a criação de redes de (auto)formação participada, que permitam compreender a globalidade do sujeito, assumindo a formação como um processo interativo e dinâmico. A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando. (p.14).

Além do mais, vivemos em um tempo onde os marcos legais e alguns documentos, produzidos por “especialistas” na área pedagógica, vão do excesso de discursos científicos e técnicos referentes ao complexo e dinâmico processo de ensino e aprendizagem à pobreza das práticas pedagógicas que deveriam contemplar esses discursos na prática, no chão da escola, na sala de aula. Portanto, precisamos encontrar o equilíbrio entre a teoria proposta e as práticas pedagógicas que auxiliarão na busca por esses objetivos.

Para Dominicé (1986) citado por Nóvoa (1992), o processo de formação está dependente de percursos educativos, mas não se deixa controlar pela pedagogia. O processo de formação alimenta-se de modelos educativos, mas asfixia quando se torna demasiado "educado". A formação vai e vem, avança e recua, construindo-se num processo de relação ao saber e ao conhecimento que se encontra no cerne da identidade pessoal.

Neste momento falaremos a respeito do que encontramos sobre o processo de formação das unidocentes e suas experiências com a prática pedagógica e metodologias de ensino, quando se trata do ensino da Educação Física em suas aulas nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Percebemos através da fala das unidocentes entrevistadas que suas formações foram satisfatórias referentes à pedagogia e a sua especificidade de trabalho, porém, as mesmas relataram experiências limitadas e formação insuficiente referente ao ensino e metodologias de trabalho para com a Educação Física. Tanto no que se refere à formação do magistério, quanto da pedagogia.

“no magistério a gente tinha aula de didática da Educação Física e ensinávamos jogos (nylcon, alguma coisa de vôlei, Handebol, que eu até joguei bastante e tinha um time na época do magistério), mas para crianças muitos poucos conteúdos. O que eu tive na faculdade?! NADA.”

(Entrevista professora Sol).

Observamos na fala da professora Sol, como citamos anteriormente, as limitações de sua formação e experiências voltadas ao ensino da Educação Física dentro da escola. No que se refere a este ensino direcionado às crianças, a formação é menor ainda.

“Bom, então assim, a Educação Física, como eu vou assim porque eu gosto, eu leio, eu procuro. Claro que não é assim uma Educação Física né?! É uma recreação onde eu tento trabalhar a lateralidade, equilíbrio, coisas assim que a gente já trabalha na Educação Infantil, né?! [...] Educação Física, lá na Escola que eu dou aula na tarde (GD) pra um terceiro ano, eu faço eles terem uma recreação, jogam bola e tal e eu tento fazer uns circuitos também, com lateralidade, equilíbrio, essas coisas assim. Nada assim demais por que eu também não posso expor muito eles porque eles podem se machucar em uma coisa que eu sou leiga, né?!”

(Entrevista professora Lua).

Podemos ver no relato da professora Lua que, mesmo com a formação limitada e pela simpatia e gosto pessoal na Educação Física, busca recursos para auxiliá-la na condução de suas aulas de Educação Física. Além disso, ela relata que há uma preocupação de trabalhar algumas valências motoras e circuitos motores, prevendo a importância disso para os estudantes. Contudo, ela ainda relata que há uma preocupação maior ainda com o bem-estar e com a integridade física dos estudantes, visto a exposição a situações passíveis dos estudantes se machucarem ou caírem durante as aulas.

Essa preocupação com a integridade física dos estudantes é totalmente justificável para as unidocentes. Afinal, as responsabilidades sobre elas já são tantas referentes ao compromisso da alfabetização dos estudantes e outras questões de sala de aula, que, se essa tarefa das aulas de Educação Física for mais uma questão que elas tenham de se preocupar demasiadamente, pouco tempo sobra para elas focarem em suas unidades pedagógicas.

Dentre essas questões de sala de aula que as unidocentes enfrentam diariamente, podemos citar a intensa missão de identificar, compreender e reparar as dificuldades encontradas pelos alunos, lidar com a heterogeneidade da turma, a

falta de tempo para atividades pessoais do professor e planejamento e, algumas vezes, a indisciplina por parte dos estudantes. Além disso, os enormes desafios de disputar a atenção dos estudantes com os celulares e instrumentos tecnológicos e de se adequar e adaptar ao contexto social da escola e da comunidade escolar.

Esse achado corrobora o estudo de Contrera e Krug (2010) que diz que a escolha pelo licenciado em Educação Física como sendo o profissional para atuar nos anos iniciais do ensino fundamental, está pautada principalmente na falta de aprofundamento teórico e prático das professoras durante a formação inicial, e, devido a isso, se consideram despreparadas para atuarem na docência desta disciplina e, conseqüentemente, de contribuir de uma forma mais qualificada durante as intervenções pedagógicas.

“Então para isso teria que ter pessoas aptas né?! Não adianta eu chegar lá e querer fazer e eu botar em risco e eles se machucarem, por mais boa vontade que eu tenha e vejo uns vídeos e penso: “Vou fazer isso com a minha turma”. Então assim, eu acho que pra todos os setores tem que ter uma pessoa apta pra aquilo. Né?! [...]Então, peca por isso. E nós professoras de sala de aula, a gente não tem a graduação pra dar aula e dizer; “Ai, isso é Educação Física.”. O que eles têm é recreação”.

(Entrevista professora Lua)

Nesse caminho, percebemos no relato da unidocente, que a formação limitada e insuficiente no que se refere ao ensino da Educação Física acaba gerando a falta de qualificação para desempenhar tal trabalho. Assim sendo, o ensino da Educação Física acaba tomando outros caminhos e a recreação, o tempo livre e as aulas não sistematizadas e sem objetivos claros aos estudantes, acabam se tornando rotina como prática pedagógica da Educação Física dentro da escola.

Nesse sentido, nos apoiamos em Almeida (2011) citado por Ferreira e Torres (2013). A autora analisou as aulas de Educação Física de uma professora pedagoga e constatou que, apesar de as aulas se mostrarem interessantes, percebeu-se uma repetição no conteúdo didático abordado e apontando a formação continuada como alternativa para a melhoria das aulas.

Cabe salientar que, muitas vezes, mesmo com professor de Educação Física dentro da escola isso acontece. Mesmo estes profissionais tendo as ferramentas, instrumentos e formação para tal trabalho, acabam, por estarem em

zona de conforto ou abandono docente<sup>12</sup>, desenvolvendo essas mesmas atividades sem objetivos pedagógicos, visando apenas cumprir sua carga horária dentro da escola. Ou seja, o problema não é quem ministra a aula de Educação Física, mas sim de que forma ela é apresentada e oferecida aos estudantes.

### **3. Sentidos e significados da Educação Física: Visão das unidocentes**

Nesta parte do trabalho abordaremos os sentidos e significados que as unidocentes entrevistadas dão para a Educação Física no âmbito escolar. Além disso, abordaremos também, o que elas consideram o papel e a finalidade da Educação Física dentro do ambiente escolar e quais as suas principais contribuições para com os alunos e ao processo de ensino-aprendizagem.

Começaremos essa parte do trabalho discutindo a respeito da importância dada à Educação Física pelas professoras entrevistadas, desde o início do processo de escolarização. Sobre esse tema, encontramos, principalmente, na fala de uma das unidocentes, que a Educação Física se faz importante e indispensável para o desenvolvimento dos estudantes, porém deve estar presente, de forma efetiva, desde o início do processo de ensino-aprendizagem. Isso para que seja possível uma construção gradativa desde o primeiro momento de inserção da criança no universo escolar.

Corroborando a ideia de Etchepare (2003) que afirma que a prática do movimento nos anos iniciais é um caminho para que a criança compreenda melhor suas habilidades e consiga adaptá-las a outras atividades dentro e fora da escola.

Segundo Basei (2008) citado por Ferreira e Torres (2013) a Educação Física também pode proporcionar às crianças uma diversidade de experiências através de situações nas quais elas possam criar, inventar, descobrir movimentos novos, reelaborar conceitos e ideias sobre o movimento e suas ações. Além disso, é um espaço para que, através de situações de experiências – com o corpo, com

---

<sup>12</sup> - Para González e colaboradores (2013), o abandono do trabalho docente é entendido como uma forma de atuação profissional que recebe denominações do tipo rola bola, largobol, aula matada. Em linhas gerais, trata-se da atuação docente caracterizada por não apresentar grandes pretensões com suas práticas; talvez a pretensão maior seja a de ocupar seus alunos com alguma atividade. Com frequência, o professor com este perfil converte-se em simples administrador de material didático, atividade que não exigiria, em princípio, formação superior. Outras vezes, assume uma postura de compensador do tédio dos alunos produzido nas outras disciplinas (como Matemática, Português, etc.).

materiais e de interação social – as crianças descubram os próprios limites, enfrentem desafios, conheçam e valorizem o próprio corpo, relacionem-se com outras pessoas, percebam a origem do movimento, expressem sentimentos, utilizando a linguagem corporal, localizem-se no espaço, entre outras situações voltadas ao desenvolvimento de suas capacidades intelectuais e afetivas, numa atuação consciente e crítica.

Assim sendo, é nessa fase dos anos iniciais do Ensino Fundamental que os estudantes estão passando por um momento sensível e importante referente à aquisição de habilidades motoras, cognitivas e sócio-afetivas. Além disso, estão vivendo um momento único e muito importante na construção de suas relações e interações pessoais e dos seus próprios valores e interpretações do mundo.

As professoras percebem na atualidade que o desenvolvimento motor, o poder de criação e a expressão corporal das crianças, estão comprometidos e que, cada vez menos, as crianças conseguem realizar tarefas básicas e simples como o correr, por exemplo, e, muitas vezes, seguem um estilo de vida sedentário, tanto dentro quanto fora da escola. Talvez isso se dê pelas mudanças e transformações sociais que ocorreram e limitaram a saída das crianças para brincarem nas ruas, portanto, elas não têm mais essas fases essenciais em seus desenvolvimentos.

“Se a criança não vem, desde o início tendo essa experiência de Educação Física, como eu te disse ali, eles não conseguem quicar uma bola, muitas vezes, nem correr [...] Agora eles estão tendo uma oficina de tênis, né?! Que tem dois professores, um deles é uma moça que é tenista, então eles estão fazendo esse garimpo, no caso. Então assim, tem crianças que não conseguem nem pegar uma raquete e fazer isso aqui com a bolinha (demonstrou equilibrar a bola em cima da raquete). Então, isso é coisa que se trabalha lá na Educação Infantil, sabe?!”

(Entrevista professora Lua)

“Antes eles dançavam, faziam coreografias. Agora com o que eles vêm? Com Anitta, uma coreografia pronta que viram na TV, sabe?! Eles não sabem nem o “Dançar”. Perdem a criatividade, sabe?!”

(Entrevista professora Sol)

Segundo Tani (2001) citado por Etchepare *et al* (2003), comprovadamente, crianças sedentárias são potenciais adultos sedentários, e desta forma são plenamente justificados todos os esforços no sentido de garantir um estilo de vida mais ativo e, por conseguinte, melhor qualidade de vida às crianças.

Por outro lado, outros sentidos e significados foram dados a Educação Física pelas entrevistadas. Estes são referentes ao poder de socialização que este componente curricular tem nas mãos e o quanto isso pode ser positivo no processo escolar. Além disso, a construção de valores como: saber ganhar, saber perder o respeito mútuo são outras finalidades que as unidocentes dão à Educação Física.

“A socialização né?! eu acho muito importante, tanto na aula como na Educação Física, socializar. O saber que não é só ganhar, o perder também faz parte. Eu acho que isso é o principal, o respeitar, enfim, a socialização. Acredito que sejam os principais. [...] Sempre se conversou e, realmente, atitudes mudavam assim dentro da sala de aula com a Educação Física presente na Escola”.  
(Entrevista professora Lua)

Quando indagada referente ao que considerava que os estudantes aprendem nas aulas de Educação Física, a professora Sol foi um pouco mais além e cita os limites como um dos sentidos da Educação Física:

“Ai, tudo. Tudo. Eu acho assim ó, é como eu tava falando. Eles começam a ter o limite que é diferente de uma recreação solta que a gente deixa eles brincarem. Assim, eles tão ali livres”.  
(Entrevista professora Sol)

Esse “saber se controlar” citado pela unidocente, está relacionado aos limites e aspectos comportamentais dos estudantes. Além disso, esses fatores têm ligação direta com sua experiência docente. Tais limites e comportamentos dos estudantes têm a ver com o fato de conseguirem se auto organizar, saber se construir e construir o espaço que eles dividem coletivamente.

Segundo o relato da professora, sol, em eventos simbólicos realizados dentro da escola, ela observa uma grande diferença referente a esta capacidade de saber portar-se enquanto sujeito coletivo, quando as turmas têm e não as aulas de Educação Física de forma sistematizada.

“A gente foi fazer uma festa agora, de 20 de setembro, revolução farroupilha, eles tudo pilchados lá e tal, com chimarrão e tudo. Durou 20 minutos, não deu. Começaram a brigar, se soquear, a correr, correr, correr enlouquecidamente, se batiam correndo. Resumindo, não deu e lá, as séries iniciais não tem Educação Física. [...] Então, eu acho que se eles tivessem a Educação Física semanalmente, uma ou duas vezes por semana, acho que eles já teriam trabalhando tantas coisas que eles já iam conseguir se controlar, eles já terem trabalhado o corpo na Educação Física e o

propósito da festa ia conseguir ser alcançado. Então, acho que o limite, as regras, trabalhar o corpo, o movimento, o saber correr até.”

(Entrevista professora Sol).

Assim sendo, observamos na fala da professora Sol que a Educação Física, de forma sistematizada e ministrada com seus reais objetivos, tem a capacidade de contribuir de forma positiva no desenvolvimento de limites, aspectos atitudinais, regras, entre outros fatores diretamente relacionados com a disciplina dos estudantes.

Não defendemos que a Educação Física tenha um caráter doutrinador na construção dos estudantes, mas entendemos que a professora quis dizer que, ao terem as aulas de Educação Física, os estudantes passam por uma experiência de ter que organizar-se dentro das aulas, saber respeitar a vez do colega, saber respeitar uma fila, entre outros aspectos que, acreditamos realmente, contribuir na formação do estudante como um cidadão crítico e atuante na sociedade atual, além da construção desse estudante como um sujeito coletivo pertencente a um meio que necessita desse pensamento comunitário e não individualista para a harmonia social.

“Na outra escola PDC que trabalhei, obviamente que o número de alunos interfere bastante, lá eram pouquinhos alunos, mas eu acho que a gente conseguia fazer coisas lá, tirando um ou outro aluno, e eles conseguiam se organizar melhor porque eles tinham as aulas de Educação Física.[...] Eles conseguiam estar no pátio, fazer, na semana da criança, a festa do show de talentos, fazer o dia do cabelo maluco, o desfile de fantasias, eles conseguiam se organizar melhor, eles tinham sabe?! A fila, eles sabiam fazer a parada quando o professor pedia já lá no GD (escola onde não há professores de Educação Física nas séries iniciais) não, eles não conseguem”.

(Entrevista professora Sol).

Outro sentido e significado relevante que as unidocentes deram à Educação Física foi o fato de esta ser uma boa ferramenta utilizada, mesmo que inconscientemente, para a transferência de habilidades dentro do processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, as aulas de Educação Física podem contribuir para os estudantes fazerem relações entre os conteúdos que aprendem, podendo ainda, utilizar o que aprenderam na Educação Física para auxiliar no processo de aprendizagem de outras matérias ou conteúdos e vice-versa.

“Quando eu começo a alfabetizar a turma, eu gosto de fazer muito aquelas brincadeiras assim, pra eles poderem escrever a letrinha, de fazer passar caminhando em cima das letras escritas com giz no chão, isso eu faço né?! Não sei se tá dentro da Educação Física ou dentro da recreação. [...] Agora que a gente tá passando pra letra cursiva, desenho a letra no chão pra eles passarem por cima, eles fazerem no ar a letrinha antes ao invés de passar direto para o lápis, caneta, para o giz, enfim. E aí, eu acho que a Educação Física contribui muito pra isso, principalmente com os pequenos né?!”.

(Entrevista professora Sol)

Observamos no relato da professora Sol, a importância dessa fusão e combinação das áreas visando o estudante como centro do processo, contribuindo no crescimento, tanto intelectual quanto psicomotor e até mesmo nos aspectos sócio-afetivos. Além disso, essa transferência de habilidades acaba tornando o processo de ensino-aprendizagem bem mais prazeroso e agradável aos estudantes, favorecendo a participação ativa do mesmo e também o interesse dos estudantes nas aulas.

Desta maneira, constatamos que, na visão das unidocentes, a Educação Física tem um caráter importante no que diz respeito à socialização entre os estudantes, além de auxiliar na construção de valores, aspectos atitudinais, respeito a regras, criatividade e capacidade de criação e também a aspectos disciplinares, relacionados aos limites.

Na visão das entrevistadas, a prática pedagógica da Educação Física se faz por brincadeiras, recreação e circuitos motores, isso se dá pela formação limitada referente ao tema que as próprias unidocentes relataram anteriormente nos tópicos anteriores. Por outro lado, a Educação Física, segundo elas, pode ser uma grande ferramenta de transferência de habilidades, sendo utilizada para melhor assimilação de alguns conteúdos e facilitadora no processo de ensino-aprendizagem.

Por fim, para as entrevistadas, a Educação Física deve estar presente dentro do processo de escolarização desde seu início para que seja integralmente favorável a este processo. Facilitando assim, um desenvolvimento mais completo dos estudantes desde o início do processo. Atuando de encontro ao momento atual que nos direciona, desde cedo, a um comportamento sedentário e estilo e hábitos de vida saudáveis.



#### 4. Geração “Video Game”

Vivemos encurralados por tanta tecnologia e o aumento da globalização, acrescido de um aumento da violência urbana, isso tudo ainda somado ao sistema capitalista que nos demanda muito tempo de trabalho voltado. Assim, nos restando pouco tempo para nosso próprio desenvolvimento humano e fazendo com que as condições sejam ínfimas para que as crianças possam brincar nas ruas atualmente.

Sendo assim, as crianças perdem diversas oportunidades de descobrir o mundo que as cerca e se constroem através dessa rica experiência que é o ato de poder brincar sem o direcionamento de um adulto. Além disso, perdem ricos momentos de aprendizagem junto a seus pares, construindo regras de brincadeiras tradicionais, escolhendo os companheiros de time no futebol da rua ou até mesmo, ao ficar conversando com seus amigos, esperando a hora passar.

Assim sendo, as mudanças e transformações sociais que decorreram do processo de globalização e as influências capitalistas, causaram implicações profundas no estilo de vida das populações na sociedade, mas principalmente, implicações no desenvolvimento motor das crianças. Entre outras dessas implicações temos a mudança nos hábitos de vida saudável e alimentares, além do uso do tempo livre e dos espaços públicos e a tecnologia exacerbadamente incluída no cotidiano, além de outros diversos fatores.

O desenvolvimento e o crescimento urbano fizeram com que os espaços sociais diminuíssem, dando lugar ao desenvolvimento e, conseqüentemente, diminuindo também, áreas que poderiam ser destinadas ao lazer dos cidadãos. A demanda de produção, o consumo, as infinitas injustiças sociais presentes em nosso contexto nacional e a violência urbana diminuem, por demais, as situações e condições das crianças exercerem seu direito de brincar na rua, situação essa, totalmente enriquecedora no desenvolvimento integral da criança.

Assim, as cidades tiveram que crescer de forma vertical devido ao acúmulo de prédios em bairros mais centralizados da cidade, fazendo com que dezenas de pessoas morem juntas, porém, não convivam juntas. Mas qual o problema disso? Então, o problema é que, diferente dos bairros que ainda possuem casas ao invés

de prédios e uma proximidade entre os vizinhos, há certa segurança em deixar as crianças brincarem na rua, além de ser favorável a construção de interações e relações construídas pelos vizinhos, sendo crianças ou não, e o quão importante são essas convivências nesse contexto.

Contudo, é na escola que muitas crianças têm, muitas vezes, a primeira oportunidade de ter diversas vivências motoras e experiências enriquecedoras aos seus desenvolvimentos que, por algum motivo citado acima, não tiveram oportunidades de ter anteriormente em seus contextos sociais. Os fatores que influenciam nesses aspectos são diversos. Citamos alguns desses fatores anteriormente, mas não podemos afirmar qual deles tem maior influência negativa nessa questão do desenvolvimento das crianças, até porque isso dependerá do contexto em que a criança estiver inserida, a condição social, a estrutura familiar e alguns outros aspectos. Então, podemos dizer que a soma destes fatores negativos e influentes no desenvolvimento das crianças é uma realidade em nossa sociedade e precisamos estar cientes disso para buscar que as novas mudanças sociais que vierem à frente sejam em prol desse tipo de mudanças.

“Sabe, é a geração *VÍDEO GAME*. Então tu dá uma bola ou um negócio eles ficam assim (fisionomia de espanto)”.  
(Entrevista professora Lua)

Podemos ver na fala da unidocente que, pelo grande contato com as tecnologias interativas e pouco contato com brincadeiras comuns do contexto da rua, jogos culturais, jogos tradicionais, os estudantes chegam à escola de forma que eles não sabem mais fazer coisas básicas que crianças de vinte anos atrás faziam com naturalidade, às vezes como o simples fato de correr, como já citado anteriormente neste trabalho, além de ter medo de participar das atividades, sendo de Educação Física ou não.

Desde que eu comecei a trabalhar na outra escola até hoje (aproximadamente 20 anos), tem muita diferença. Antes a gente fazia festinhas livres assim, dia da criança, páscoa e deixava eles brincarem depois do recreio, livre, botava umas músicas, eles que escolhem as música até hoje inclusive, fazíamos brincadeiras, festa a fantasia. Gente, há uns anos atrás eles ficavam além do horário, 17:30 batia o sinal e eles ficavam na escola, de boa.  
(Entrevista professora Sol)

No relato da professora Sol, observamos a constatação dela confirmando essa questão das diferenças e implicações sofridas entre as infâncias e as crianças de antigamente quando comparadas ao momento atual. Com sua vasta e rica experiência a professora pode acompanhar essa remodelação e transfiguração da infância dentro da escola podendo citar isso com certa autoridade empírica a respeito do assunto, contribuindo intensa e demasiadamente com este trabalho.

Por outro lado, a Educação Física acaba recebendo uma responsabilidade tremendamente importante no que se refere a quebrar esse processo que vem sendo enraizado e naturalizado dentro da nossa cultura e sociedade. Portanto, a Educação Física consegue desempenhar um papel significativo referente a construir com a criança a sua bagagem motora relativa à cultura corporal de movimento e contribuir para a desconstrução dessas situações sociais que vem sendo impregnados no corpo social.

“Mas vejo que também é importante a recreação porque, às vezes, eles estão dentro de casa, só no videogame, só na TV, só naquele mundinho ali, sabe?! Eles não sabem mais “brincar”. Quando a gente libera eles para o recreio ou pra Educação Física assim, parece que abre a jaula (risos). Saem tudo assim, em disparada, assim correndo”.

(Entrevista professora Sol)

Na fala da unidocente, observamos que ela considera importante o momento de recreação entre os estudantes no objetivo de minimizar os impactos gerados pela grande permanência dos estudantes dentro de casa, o fácil acesso as mídias interativas e as poucas oportunidades que os mesmos têm de brincar na rua ou com outras crianças fora da escola. Além disso, como os estudantes vão para a escola com a “obrigação escolar”, quando eles têm um momento mais descontraído ou “livre” eles se mostram com sua integralidade enquanto sujeitos, expondo assim comportamentos que dentro de sala eles não apresentariam.

Assim sendo, concordamos que as mudanças e transformações sociais apresentam implicações profundas no mundo da infância. As crianças estão perdendo muitas referências e padrões de socialização culturais devido a essas transformações e, estão também, desaprendendo a brincar, estão deixando morrer aos poucos as brincadeiras e jogos culturais e tradicionais e vão crescendo e se

adaptando a um contexto social e uma cultura muito complexa e incerta no que se refere ao direcionamento dos seus futuros.

## Considerações Finais

Primeiramente gostaria de salientar minha satisfação e contentamento em ter escolhido este tema como objetivo central do meu trabalho de conclusão. Pela minha proximidade e gosto pela Educação Física escolar, construí a especificidade deste tema com a contribuição do meu professor orientador e a partir disso, meu interesse pelo tema só aumentou, fazendo com que o esmero e o zelo para com este trabalho fossem significativos e condizentes com a importância deste assunto dentro do universo escolar.

Lembro ao finalizar esse trabalho que os problemas que estruturaram esse estudo foram: Quais relações pedagógicas se estabelecem entre o professor de Educação Física e o professor unidocente nos anos iniciais do Ensino Fundamental?; Como elas se estabelecem dentro do processo de escolarização desta etapa educacional?

Como buscamos encontrar a importância das relações pedagógicas dentro do processo de escolarização, lembramos que essas relações se fazem através da interação entre o grupo de trabalho e, normalmente, vão à busca pelo mais positivo e determinante desenvolvimento dos estudantes em sua plenitude. Nessa linha, conforme vimos anteriormente, essas dificuldades referentes às interações entre os docentes acabam sendo uma realidade da cultura escolar, mesmo quando se trata de professores da mesma área epistemológica. Essa realidade acaba por provocar resultados no processo de ensino-aprendizagem que ficam muito abaixo do seu real potencial de realização dentro da escola.

Por outro lado, encontramos em outro estudo que nas escolas onde há um nível positivo de interações sociais entre o corpo docente, se encontra uma potencialização dos resultados educacionais e no bom desenvolvimento dos trabalhos, tanto individuais quando coletivos dentro no íntimo da escola. Assim sendo, a dificuldade nas interações pode até ser uma realidade, mas não é uma situação prevalente dentro de algumas escolas.

No que diz respeito à especificidade do nosso tema, são escassos os estudos que buscam compreender ou explicar as relações construídas entre unidocentes e professores de Educação Física dentro do universo escolar.

Contudo, a falta de bibliografia especializada a respeito foi um dos limitadores deste estudo.

Na análise de dados deste trabalho, passamos por um processo de categorização dos resultados das entrevistas, onde classificamos os quatro temas mais relevantes encontrados nas respostas das unidocentes entrevistadas. Assim sendo, o primeiro tema que falaremos agora trata das relações pedagógicas entre o corpo docente no contexto escolar.

Além disso, “formação de professores unidocentes e suas experiências docentes com a educação física”; “sentidos e significados da educação física: visão das unidocentes”; e ainda “Geração Video Game” foram os outros tópicos escolhidos para análise deste estudo de caso.

Através deste trabalho concluímos que as relações pedagógicas e dialógicas entre os unidocentes e os professores de Educação Física têm um importante papel e contribuição na construção do estudante, na sua formação humana em sua integralidade, além de auxiliar também, na construção e desenvolvimento do próprio professor em todos os aspectos e fomentar a interação social entre o corpo docente, constituindo a escola como um espaço de formação continuada a estes e de considera.

Além disso, os diálogos construtivos e as chamadas “trocas de figurinhas” e as trocas situacionais e pedagógicas foram considerados importantes instrumentos dentro do processo de escolarização fomentando a construção coletiva entre o corpo docente de novos instrumentos e materiais de trabalho, diferentes metodologias de ensino e ações interdisciplinares dentro do ambiente escolar.

Outro fator importante encontrado na análise dos dados foi a interação, entre o corpo docente, provenientes dessas relações pedagógicas e a importância da horizontalidade nessas relações no contexto escolar. Assim sendo, a união construída dentro do grupo consolida as relações dialógicas entre todos os sujeitos do grupo de trabalho e os elos que firmam a busca pelos objetivos pedagógicos traçados pela escola e pelo melhor desenvolvimento e crescimento, em todos os aspectos, dos estudantes.

No que diz respeito à formação de professores unidocentes e suas experiências docentes com a educação física, encontramos na fala das professoras que sua formação referente à especificidade do seu trabalho, ou seja, a pedagogia

e o processo de alfabetização, a formação acadêmica foi bem satisfatória e a formação profissional (sua experiência empírica) mais que proveitosa no auxílio do seguimento deste trabalho.

Por outro lado, as unidocentes entrevistadas citaram que a formação e as experiências, tanto acadêmicas quanto profissionais, se mostraram insuficientes e limitadas no que concerne a didática, métodos de ensino, planejamento, conteúdos a serem trabalhados e a própria prática pedagógica na Educação Física escolar.

Referente aos sentidos e significados da Educação Física na visão das unidocentes concluímos que para as entrevistadas este componente curricular tem um importante papel na socialização, motivação, construção dos valores (aspectos atitudinais) e ainda, na disciplina e limites dos estudantes. Além disso, elas citam que utilizam a recreação, brincadeiras e momentos livres como prática pedagógica da Educação Física escolar, nas escolas que não tem este profissional entre o corpo docente.

Através das respostas das unidocentes referente a este tema, nos fez concluir também que, a Educação Física é um importante instrumento e ferramenta para a transferência de habilidades dentro do processo de escolarização em sua integralidade. Outro ponto relevante em nossa conclusão é a importância dada pelas unidocentes referente à presença da Educação Física desde o início do processo escolar.

Em relação ao último tópico que trata da geração “vídeo game”, encontramos que, devido às mudanças e transformações sociais recorrentes ao processo de globalização, aliadas as desigualdades e injustiças que corroboram o aumento da violência urbana, acrescido ainda do exacerbado acesso as mídias interativas e tecnologias favoreceram com que a sociedade se resguarde na segurança de seus lares e saiam pouco de suas casas.

Assim sendo, o desenvolvimento motor das crianças vem sendo afetado pelos dispositivos de entretenimento eletrônico e pelas novas tecnologias da informação e comunicação e, conseqüentemente, tendo fortes implicações negativas desses fatores sociais que nos permeiam. Assim sendo, a Educação Física tem um importante papel na desconstrução dessas situações, promovendo aos estudantes diversas oportunidades e experiências voltadas a pluralidade de práticas corporais que temos na cultura corporal de movimento.

Concluindo então, como somos todos sujeitos atuantes dentro do processo de escolarização, quanto maior a aproximação e conexão do grupo de trabalho (não apenas do corpo docente), mais rico, positivo e promissor se torna o processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar. Além do mais, precisamos nos amarrar com as correntes da coletividade, percebendo que somente juntos conseguiremos fazer deste processo, um processo próspero e que nos permita alcançar os reais objetivos da Educação.



## REFERÊNCIAS

- AMADO, João et al. O lugar da afectividade na Relação Pedagógica. Contributos para a Formação de Professores. **Sísifo. Revista de Ciências da Educação**, v. 8, p. 75-86, 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Isabel\\_Freire3/publication/28320319\\_O\\_lugar\\_da\\_afectividade\\_na\\_Relacao\\_Pedagogica\\_Contributos\\_para\\_a\\_Formacao\\_de\\_Professores/links/544050360cf2fd72f99dd589/O-lugar-da-afectividade-na-Relacao-Pedagogica-Contributos-para-a-Formacao-de-Professores.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Isabel_Freire3/publication/28320319_O_lugar_da_afectividade_na_Relacao_Pedagogica_Contributos_para_a_Formacao_de_Professores/links/544050360cf2fd72f99dd589/O-lugar-da-afectividade-na-Relacao-Pedagogica-Contributos-para-a-Formacao-de-Professores.pdf)
  
- AYOUB, Eliana. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. **Revista Paulista de Educação Física**, 2001.. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v15%20supl4%20artigo6.pdf>
  
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, v. 2, 2008.
  
- BRASIL, Ministério da Educação, Conselho Federal de Educação. Parecer N. 853, de 12 de novembro de 1971. Núcleo-comum para os currículo do ensino de 1º. e 2º. Graus. In Documenta n. 132, Rio de Janeiro, nov. 1971
  
- BRASIL, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. Parecer 11 de 07 de julho de 2010. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15074&Item.id=866](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15074&Item.id=866)
  
- BRASIL, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. Parecer N. 16 de 03 de julho de 2001. Consulta quanto à obrigatoriedade da Educação Física como componente curricular da Educação Básica e sobre a grade curricular do curso de Educação Física da rede pública de ensino.

Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb16\\_01.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pceb16_01.pdf).

Acesso em 20 de maio de 2013.

- BRASIL, Ministério da Educação. Lei N. 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em 20 de maio de 2013.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº7 do Conselho Nacional de Educação / Câmara de Educação Básica. Dez. 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&id=12992:diretrizes-para-aeducacao-basica](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12992:diretrizes-para-aeducacao-basica). Acesso em: 20 Set. 2013.
- CHAUI, Marilena de Souza. Ideologia e educação. **Educação e sociedade**, v. 5, p. 24-40, 1980;
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia, do ensino de educação física. 1992.
- CONTREIRA, C. B; KRUG, H. N. Educação Física nas séries iniciais do ensino fundamental: um estudo de caso com professores unidocentes. Lecturas: Educación Física y Deportes, Revista Digital, Buenos Aires, Ano 15, nº 150, nov. 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd150/educacao-fisica-com-professores-unidocentes.htm>
- DA FONSECA, Denise Grosso et al. Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental: a questão da unidocência. **Kinesis**, v. 32, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/15601/9407>

- DA SILVA, Francilene Rodrigues; SOARES, Antonio Francisco. A CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO DE CONVIVÊNCIA ENTRE ALUNOS NO ESPAÇO ESCOLAR. 2010. Disponível em: <http://www.uespi.br/prop/siteantigo/XSIMPOSIO/TRABALHOS/INICIACAO/Ciencias%20da%20Educacao/A%20CONSTRUCAO%20DA%20RELACAO%20ODE%20CONVIVENCIA%20ENTRE%20ALUNOS%20NO%20ESPACO%20ESCOLAR.pdf>
- DA SILVA, Danitza Dianderas. AS RELAÇÕES DIALÓGICAS EM PAULO FREIRE: DA AÇÃO DOCENTE À ALFABETIZAÇÃO. **Revista Educação e Linguagens**, v. 4, n. 7, 2015. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/revista/index.php/educacaoelinguagens/article/viewFile/841/491>
- DE OLIVEIRA, Nara Rejane Cruz. Concepção de infância na educação física brasileira: primeiras aproximações. **Revista brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 3, p. 95-109, 2005. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/4013/401338510007.pdf>
- DELORS, Jacques et al. Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 1998.
- DOS SANTOS, Bettina Steren; MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÄUS, Claus Dieter. Processos motivacionais em contextos educativos. Educação (PUCRS. Impresso), 2007. Disponível em: [http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/8578/2/Processos\\_Motivacionais\\_em\\_Contextos\\_Educativos.pdf](http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/8578/2/Processos_Motivacionais_em_Contextos_Educativos.pdf)
- ETCHEPARE, Luciane Sanchonete; PEREIRA, Érico Felden; ZINN, João Luiz. Educação física nas séries iniciais do Ensino Fundamental. **Journal of Physical Education**, v. 14, n. 1, p. 59-66, 2003.
- FAZENDA, Ivani. Práticas interdisciplinares na escola. Cortez Editora, 1991.

- FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da ef escolar I. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, p. 9-24, 2009. Disponível em: <http://www.revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/978/561>
- FERREIRA, Heraldo Simões; TORRES, Aline Lima. Educação Física na educação infantil e no ensino fundamental na percepção de pedagogos: Um estudo de caso. **Revista FSA (faculdade Santo Agostinho)**, Teresina, v. 10, n. 4, p. 183-194, 2005.
- FONSECA, Denise Grosso et al. Vamos abrir a caixa?—um estudo sobre as aulas de educação física com professoras unidocentes. *Revista Didática Sistêmica*, v. 16, n. 1, p. 260-274, 2015.
- FRAGA, A.F. Educação Física nos primeiros anos do ensino fundamental brasileiro. *Revista Digital*. Buenos Aires, Año 10, Nº 90, Noviembre/2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em 10/06/2012
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 36ª edição. **São Paulo: Paz e Terra**, 2007.
- GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.; GOODWAY, Jackie D. *Compreendendo o desenvolvimento motor-: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. AMGH Editora, 2013.
- GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo, v. 5, n. 61, p. 16-17, 2002. Disponível em: [http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/31031805/9482\\_lista\\_d\\_e\\_revisao\\_1%C2%BA\\_bimestre\\_com\\_respostas\\_direito.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1501466309&Signature=4brTqJUoFS8XGsMZUtKoChYIbFI%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DComo\\_elaborar\\_projetos\\_de\\_pesquisa.pdf](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/31031805/9482_lista_d_e_revisao_1%C2%BA_bimestre_com_respostas_direito.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1501466309&Signature=4brTqJUoFS8XGsMZUtKoChYIbFI%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DComo_elaborar_projetos_de_pesquisa.pdf)

- GUTERRES, Rodrigo de Azambuja et al. Educação física nas séries iniciais: uma proposta de bem-estar para unidocentes do município de Alegrete-RS. 2011. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3693/1/433787.pdf>
- IFF, Sebastião Reis Teixeira Zanon; PEDROSA, Andressa Teixeira. INTERDISCIPLINARIDADE E EDUCAÇÃO. Cadernos do cnlf fonética, fonologia, ortografia, vol. Xviii, nº 07. P. 134-145. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xviii\\_cnlf/cnlf/07/010.pdf](http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/07/010.pdf)
- JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e patologia do saber. Imago Editora, 1976.
- JÚNIOR, Marcílio Souza et al. **Coletivo de autores:** a cultura corporal em questão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 2, p. 391-411, 2011.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática–São Paulo. Editora Cortês, **Colecção Magistério**, v. 20, 1994.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli EDA. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. 1986. Disponível em: <http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2003/ep145/pesq.htm>
- MAGALHÃES, Joana S.; KOBAL, Marília Corrêa; DE GODOY, Regiane Peron. Educação Física na Educação Infantil: uma parceria necessária. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 6, n. 3, p. 43-52, 2009. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1223/936>
- MCDERMOTT, Ray. Social relations as contexts for learning in school. Harvard educational review, v. 47, n. 2, p. 198-213, 1977. Disponível em:

<http://www.hepgjournals.org/doi/abs/10.17763/haer.47.2.c9umx75267433434?code=hepg-site>

- MIYABAYASHI, Luciane Akemi; PIMENTEL, GG de A. Interações sociais e proficiência motora em escolares do ensino fundamental. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, v. 25, n. 4, p. 649-63, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v25n4/v25n4a09>
- MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÄUS, Claus; DOS SANTOS, Bettina Steren. Grupo de pesquisa mal-estar e bem-estar na docência. *Educação*, v. 30, n. 4, p. 259-272, 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/3562/2787>
- MÜLLER, Luiza de Souza. A interação professor-aluno no processo educativo. **Integração Ensino Pesquisa Extensão**, v. 8, n. 31, p. 276-80, 2002. Disponível em: [http://www.usjt.br/proex/arquivos/produtos\\_academicos/276\\_31.pdf](http://www.usjt.br/proex/arquivos/produtos_academicos/276_31.pdf)
- NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. *A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas*. 1ª edição. Porto Alegre: Editora Universidade/Sulina, 1999.
- NETO, Vicente Molina; TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas*. Ed. da UFRGS, 2004.
- NÓVOA, António. *Formação de professores e profissão docente*. 1992. Disponível em: [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD\\_A\\_Novoa.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf)
- NÓVOA, Antonio. *Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas*. 1999. Disponível em: [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/690/1/21136\\_1517-9702\\_.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/690/1/21136_1517-9702_.pdf)

- NÓVOA, Antonio. Professor se forma na escola. **Revista Nova Escola**, v. 142, p. 13-15, 2001.
- PEREIRA, Ricardo Reuter. A interdisciplinaridade na ação pedagógica do professor e educação física da rede municipal de ensino de Porto Alegre. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano).- Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5215/000467612.pdf?sequence=1>
- PÉREZ GÓMEZ, Angel Ignacio. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. Gimeno Sacristán, J.; Pérez Gómez, Al Compreender e Transformar o Ensino, v. 4, p. 13-26, 1998. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=YI0ulpjQKAMC&oi=fnd&pg=PA5&dq=fun%C3%A7%C3%B5es+sociais+da+escola+perez+gomez&ots=sgWgSUmS4I&sig=-znBYglYat1pYi9\\_4WkJ63oVGqM#v=onepage&q=fun%C3%A7%C3%B5es%20sociais%20da%20escola%20perez%20gomez&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=YI0ulpjQKAMC&oi=fnd&pg=PA5&dq=fun%C3%A7%C3%B5es+sociais+da+escola+perez+gomez&ots=sgWgSUmS4I&sig=-znBYglYat1pYi9_4WkJ63oVGqM#v=onepage&q=fun%C3%A7%C3%B5es%20sociais%20da%20escola%20perez%20gomez&f=false)
- PIAGET, Jean. (1966). La naissance de l'intelligence chez l'enfant. Suíça: Dalachaux et Niestlé.
- PICCOLO, Vilma L. Nista et al. Educação Física escolar: ser ou não ter. **Campinas: Unicamp**, 1995.
- RAPOSO, Mirian Barbosa Tavares; MACIEL, Diva Maria Moraes Albuquerque. As interações professor-professor na co-construção dos projetos pedagógicos na escola. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v21n3/a07v21n3.pdf>

- REIS, Marlene Barbosa de Freitas. Interdisciplinaridade na prática pedagógica: um desafio possível. **Revelli**, v. 1, n. 2, p. 26-45, 2009.
- REVISTA COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM – APRENDIZAGEM DIALÓGICA. Este caderno é uma adaptação feita a partir do material de formação produzido pelo CREA, Centro de Investigação em Teorias e Práticas de Superação de Desigualdades da Universidade de Barcelona. 2014. Disponível em: <http://wefithomologa.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2015/07/aprendizagem-dial%C3%B3gica.pdf>
- RONCHI, Franciele Mezzari. A influência da Educação Física escolar para o desenvolvimento motor nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Monografia. Especialização em Educação Física escolar. Diretoria de pós-graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense- UNESC. Criciúma, SC, Mar. 2010. Disponível em: <http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000042/0000423A.pdf>. Acesso em: 12Nov.2013.
- SAYÃO, Deborah Thomé. Educação Física na Educação infantil: Riscos conflitos e controvérsias. **Motrivivência**, n. 13, p. 221-236, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/14408/13211>
- SEVERINO, Antônio Joaquim. O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: o saber como intencionalização da prática. In: FAZENDA, Ivani (Org.). Didática e interdisciplinaridade. 12. ed. Campinas: Papirus, 2007, p. 31-44.
- SOUZA, João Vicente Silva. O Projeto Amora: assombros, resistências e potencialidades de uma alternativa interdisciplinar: movimentos para uma nova ética e uma nova estética para a educação?. 2002. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/3020>



- TACCA, M. C.; BRANCO, A. U. Comunicação y metacomunicação en situaciones de enseñanza y aprendizaje. **Revista de Psicología**, v. 7, n. 2, p. 127-145, 2003.
- TASSONI, E. C. M. Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno. Campinas, UNICAMP, 2008. Disponível em: [https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/44850674/ANPEd\\_2000.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1506307930&Signature=NgrFLsuMXUffWFsaHy8Cm7JCRm8%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DAFETIVIDADE\\_E\\_APRENDIZAGEM\\_A\\_RELACAO\\_PRO.pdf](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/44850674/ANPEd_2000.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1506307930&Signature=NgrFLsuMXUffWFsaHy8Cm7JCRm8%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DAFETIVIDADE_E_APRENDIZAGEM_A_RELACAO_PRO.pdf)
- UCHOA BRANCO, Angela; VALSINER, Jaan. Changing methodologies: A co-constructivist study of goal orientations in social interactions. **Psychology and developing societies**, v. 9, n. 1, p. 35-64, 1997. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/097133369700900103>
- VALSINER, Jaan. (1997). Crossroads of the deductive and inductive lines of knowledge construction in psychology. Em J. Valsiner (Org.), Quais autores do livro Culture and the development of children's actions. 2ª Ed. (pp. 67-125). New York: Wiley. (Trabalho original publicado em 1987)
- VILLELA ROSA TACCA, Maria Carmen; UCHOA DE ABREU BRANCO, Ângela Maria Cristina. Processos de significação na relação professor-alunos: uma perspectiva sociocultural construtivista. Estudos de Psicologia, v. 13, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/261/26113105.pdf>
- VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista SoCERJ**, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007. Disponível em: [http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/34829418/o\\_estudo\\_de\\_caso\\_como\\_modalidade\\_de\\_pesquisa.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOW](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/34829418/o_estudo_de_caso_como_modalidade_de_pesquisa.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOW)

[YYGZ2Y53UL3A&Expires=1501448747&Signature=sm7rL9sKLEyCf%2BqyRggjcpR7hCI%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3Dsetembro\\_outubro\\_O\\_Estudo\\_de\\_Caso\\_como\\_M.pdf](http://YYGZ2Y53UL3A&Expires=1501448747&Signature=sm7rL9sKLEyCf%2BqyRggjcpR7hCI%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3Dsetembro_outubro_O_Estudo_de_Caso_como_M.pdf)

- WELTER, Jaqueline; WELTER, Renata; SAWITZKI, Rosalvo Luis. A contribuição do subprojeto PIBID/EDF no processo de planejamento das aulas de Educação Física para os anos iniciais. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 3, n. 1, 2012. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1360/765>

## **APÊNDICE A - Estruturação e roteiro das perguntas da entrevista aplicada na pesquisa**

1. Fale sua experiência de ensino da educação física.
2. Você tem atuado junto com o professor de educação física em suas turmas. Fale-me sobre essa experiência?
3. Fale-me sobre as contribuições da educação física na aprendizagem dos estudantes?
4. Vocês conversam a respeito sobre o que os alunos têm aprendido? Fale sobre essa experiência.
5. O que você considera que os alunos aprendem nas aulas de educação física?
6. Você observa alguma alteração nas atitudes, novos conceitos e procedimentos nos estudantes em sala de aula/? Fale-me a respeito.
7. O que você acha sobre as relações/interações entre os professores? Conte como é sua experiência.
8. Você considera importantes essas relações pedagógicas quando relacionadas com o processo de escolarização?

## **APÊNDICE B – Transcrição das entrevistas**

### **PROFESSORA SOL**

#### **1. Fale sua experiência de ensino da educação física.**

Eu, não dou Educação Física. O que eu faço? Tanto que no magistério a gente tinha aula de didática da Educação Física e ensinávamos jogos (nylcon, alguma coisa de vôlei, Handebol, que eu até joguei bastante e tinha um time na época do magistério), mas para crianças muitos poucos conteúdos. O que eu tive na faculdade?! NADA...

Pedagogia, na minha época, quando eu me formei em 1994, era separada, tanto que a minha pedagogia é PRÉ-ESCOLAR, ou seja, não é essa pedagogia de hoje que são todas, né?! Supervisão, orientação, tudo junto né?! Mas não, eu não tive nada de Educação Física. Então o que que eu faço?! Eu dou recreação. A gente faz circuito, a gente faz brincadeiras, a gente deixa tempo livre. Como dou aula pra primeiro ano, eles não gostam de Futebol, os meus pelo menos. Não curtem muito, então eles fazem outros tipos de brincadeiras e nós também. Mas a Educação Física mesmo, aquelas aulas preparadas que tu e o Lucas faziam no PIBID, não!

A gente faz recreação, brincadeiras. Tem colchonete na escola, tem cone, tem material, então a gente desenvolve brincadeiras em cima desses materiais que tem. Mas brincadeiras, recreação! Educação Física mesmo a gente não tem nem na formação, né?! Se a gente quer procurar ideias, a gente procura na internet por que a gente não tem nem preparo.

#### **2. Você tem atuado junto com o professor de educação física em suas turmas. Fale-me sobre essa experiência?**

Atuado não. Mas conversando, a gente acaba sempre sabendo, né, se tinha algum problema o professor de Educação Física nos passa e se tínhamos um problema, eu passava pra eles. Referente aos alunos de inclusão é mais importante essa troca, do professor de educação física perguntar pra nós como está o fulano hoje? Como está o cicrano hoje? A gente passa isso pros professores

de Educação Física até porque ele vai notar no início da sua aula, então na troca de “figurinhas” podemos nos ajudar.

Mesmo quando supervisora, sempre tentei essa troca, de estar sempre falando não apenas com os professores de Educação Física, mas com as outras colegas também. A participação dos professores de Educação Física nos conselhos de classe também é importante porque a visão do aluno na sala de aula é uma visão, né?! Um pouco diferente do aluno no pátio, do horário livre ou até da Educação Física.

Às vezes acontece uma situação com algum aluno no recreio e a gente se espanta, pergunta: Ele? Tem certeza que foi ele? Porque na sala de aula ele nem fala, sabe?!. Mas chega na hora do pátio, se transforma (risos).

### **3. Fale-me sobre as contribuições da educação física na aprendizagem dos estudantes?**

Ai, eu acho que em tudo, né?! Quando eu começo a alfabetizar a turma, eu gosto de fazer muito aquelas brincadeiras assim, pra eles poderem escrever a letrinha, de fazer passar caminhando em cima das letras escritas com giz no chão, isso eu faço né?! Não sei se tá dentro da Educação Física ou dentro da recreação.

Agora que a gente tá passando pra letra cursiva, desenho a letra no chão pra eles passarem por cima, eles fazerem no ar a letrinha antes ao invés de passar direto para o lápis, caneta, para o giz, enfim. E ai, eu acho que a Educação Física contribui muito pra isso, principalmente com os pequenos né?! Eles poderem ter o trabalho do corpo pra chegar na sala de aula e poder trabalhar a motricidade fina, a motricidade ampla né?! Eu acho que agrega junto, além do cognitivo.

As regras, os limites, freio inibitório, tudo, tudo. A Educação Física é boa assim sabe. Eu acho que é essencial para o trabalho, faz parte, mas infelizmente não é sempre nem todas as escolas que tem.

### **4. Vocês conversam a respeito sobre o que os alunos têm aprendido? Fale sobre essa experiência.**

Sim, nas escolas que tive a presença de professores de Educação Física, sempre buscamos isso, de conversar bastante, não apenas sobre o que os alunos aprenderam, mas o que precisam aprender, como os pontos fracos que podem ser melhorados. Às vezes, até um projeto que a gente tá trabalhando com a turma, acho que a Educação Física pode contribuir com esse projeto né?! Um trabalho, alguma coisa que pode ter partido da profe enxergar algum ponto da turma. “Ah, precisamos trabalhar isso”, ou do aluno pedir: “Bah profe, eu gostaria de ver aquilo”. Ai a gente vê com a turma e já começa tudo, ai eu acho que a Educação Física pode entrar colaborando.

##### **5. O que você considera que os alunos aprendem nas aulas de educação física?**

Ai, tudo. Tudo. Eu acho assim ó, é como eu tava falando. Eles começam a ter o limite que é diferente de uma recreação solta que a gente deixa eles brincarem. Assim, eles tão ali livres.

Mas vejo que também é importante a recreação porque, às vezes, eles estão dentro de casa, só no videogame, só na TV, só naquele mundinho ali, sabe?! Eles não sabem mais “brincar”. Quando a gente libera eles para o recreio ou pra Educação Física assim, parece que abre a jaula (risos). Saem tudo assim, em disparada, assim correndo.

Desde que eu comecei a trabalhar na outra escola até hoje (aproximadamente 20 anos), tem muita diferença. Antes a gente fazia festinhas livres assim, dia da criança, páscoa e deixava eles brincarem depois do recreio, livre, botava umas músicas, eles que escolhem as música até hoje inclusive, fazíamos brincadeiras, festa a fantasia. Gente, há uns anos atrás eles ficavam além do horário, 17:30 batia o sinal e eles ficavam na escola, de boa.

A gente foi fazer uma festa agora, de 20 de setembro, revolução farroupilha, eles tudo pilchados lá e tal, com chimarrão e tudo. Durou 20 minutos, não deu. Começaram a brigar, se soquear, a correr, correr, correr enlouquecidamente, se batiam correndo. Resumindo, não deu e lá, as séries iniciais não tem Educação Física.

Então, eu acho que se eles tivessem a Educação Física semanalmente, uma ou duas vezes por semana, acho que eles já teriam trabalhando tantas coisas que eles já iam conseguir se controlar, eles já terem trabalhado o corpo na Educação Física e o propósito da festa ia conseguir ser alcançado. Então, acho que o limite, as regras, trabalhar o corpo, o movimento, o saber correr até, como eu disse antes: *Abrir a jaula* (risos), eu acho que o saber correr sabe, então acho que isso tudo faz falta até para essas festinhas que a gente faz, pras aulas que a gente faz, pros trabalhos de artes. Acho que o trabalho de artes precisa da Educação Física.

**6. Você observa alguma alteração nas atitudes, novos conceitos e procedimentos nos estudantes em sala de aula/? Fale-me a respeito.**

Sim. Na outra escola PDC que trabalhei, obviamente que o número de alunos interfere bastante, lá eram pouquinhos alunos, mas eu acho que a gente conseguia fazer coisas lá, tirando um ou outro aluno, e eles conseguiam se organizar melhor porque eles tinham as aulas de Educação Física.

Eles conseguiam estar no pátio, fazer, na semana da criança, a festa do show de talentos, fazer o dia do cabelo maluco, o desfile de fantasias, eles conseguiam se organizar melhor, eles tinham sabe?! A fila, eles sabiam fazer a parada quando o professor pedia já lá no GD não, eles não conseguem. Os recreios são separados, 1º, 2º e 3º anos de um lado, 4º e 5º anos do outro. Porque tem uns que só gostam da bola, só futebol, futebol, futebol e outros querem correr e daí não tem o espaço pra correr, sabe?! Então, eles não conseguem.

Que nem essa festinha, não deu certo. Hoje (10/10/2017) a gente vai tentar um show de talentos. Sempre conseguimos e as crianças, bah, olha, desenvolviam horrores naquele palquinho lá. Vamos ver como é que vai sair hoje, mas eles não têm, sabe?! (SE REFERINDO A ORGANIZAÇÃO, LIMITES E PODER DE CRIAÇÃO E CRIATIVIDADE POR PARTE DOS ESTUDANTES).

Antes eles dançavam, faziam coreografias. Agora com o que eles vem? Com Anitta, uma coreografia pronta que viram na TV, sabe?! Eles não sabem nem o “Dançar”. Perdem a criatividade, sabe?!

Dentro do próprio jogo, né?! Não precisa sair dando uma porrada porque não passou a bola, ou porque tomou o gol, ou porque o outro fez um gol contra, não precisa né?! Pode sim resolver, acontece isso até no futebol mesmo, né?! E eles não sabem lidar com isso, não sabem lidar com regras, com a falta de um juiz no jogo. Todos querem ser o juiz e querem ser o jogador ao mesmo tempo, sabe?! Eles não sabem parar, a gente chama, às vezes, pra fila porque terminou o recreio e eles não sabem parar ou querem continuar.

Uns debocham dos outros: “Ah, perdeu, perdeu”. Eu acho que isso tudo a Educação Física trabalha. Se perdeu, vamos saber perder, na próxima vai ganhar, sabe?! E não sair pra porrada porque o goleiro não conseguiu defender na hora.

## **7. O que você acha sobre as relações/interações entre os professores? Conte como é sua experiência.**

Tu sabe que o recreio, muitas vezes, é pra gente meio que extravasar assim, né?! Mas a gente fala da criança. Acho que de 15 minutos do recreio, pelo menos acho que 10 minutos, é da criança que a gente fala sabe?! A gente acaba colocando ali pra fora, assim, aquilo que a gente vivenciou na sala de aula há 5 minutos atrás, um período atrás.

Ai alguém fala sobre um aluno que foi meu ano passado e a gente fala: “não acredito que mudou tanto assim!” ou “não acredito que tá tendo essas atitudes”, “que regrediu ou que bom que progrediu” sabe?! Então assim, a gente tá sempre falando de aluno, a gente sai pra fazer passeios em cinema e lancha e sobre o que que a gente acaba falando? ALUNO (risos).

Tem umas até que xingam a gente: “Gurias, parem de falar de colégio, vamos falar de outra coisa”. Ai, olha, a gente fala de aluno, então acho que o professor tá sempre colocando assim sabe?! Até nos momentos de *RELAX mesmo*, colocando o aluno ali como *TOP* dos assuntos. É incrível.

E a gente fala muito, assim, disso dos alunos. Das atitudes, do não saber pegar um lápis, não saber sentar na cadeira, de não ter postura (corporal no caso). É incrível a postura (corporal) dos alunos hoje em dia. Eles sentam todos de perna pra cima. E a minha sala de aula é toda adaptada pra 1º ano porque são cadeiras



pequeninhas. Tanto que os outros (turmas do outro turno) não podem nunca ter aula na minha sala né?! Porque é específico da sala, né?! Não dá.

E eles não sabem sentar com os pés pra baixo. Eles têm que botar os pés pra cima, olha, eles têm que botar na cadeira, eles não sabem colocar a mochila, eles deixam a mochila atirada, não sabem colocar a mochila direitinho. Eu que já sou toda estabanada, vivo tropeçando em mochila dentro da sala de aula. “Gente, vamos organizar, vamos organizar”. Eles não sabem se organizar, eles não sabem usar o lápis, só o lápis que vai precisar. Têm que colocar tudo em cima da mesa ao mesmo tempo, sabe?! Questão de organização e de postura (corporal), nossa! E eu acho que também a Educação Física trabalha com isso.

***Indaguei: E referente às relações pedagógicas?***

Eu sempre me dei bem com os professores de Educação Física porque eu participo junto. Eu vou lá e pergunto, sempre vou lá e assisto, sempre, sabe, tenho interesse. Sempre perguntava como estava à aula, E ai, tudo certo? Direto assim. Por que a gente precisa saber, não é uma coisa a parte, é uma coisa junta, o aluno é um único, o processo é um só. Então, eu acho essas muito importantes. Acho que a troca de figurinhas, assim, entre todos os professores, não só os de Educação Física, mas se tivesse os de Artes, se tivesse o de Religião, se tivesse o de Dança eu acho que essas trocas são muito importantes.

**8. Você considera importantes essas relações pedagógicas quando relacionadas com o processo de escolarização?**

Sim, tudo é importante. Toda a Escola é importante. Acho que desde a faxineira que limpa a sala de aula, que sabe o aluno que desenhou na mesa, o aluno que fez ponta assim no chão e não fez no lixo, sabe?! Desde ela, desde a menina que serve a merenda.

Como lá eles (GD) têm o refeitório e eles vão pra merenda lá, e escutam uns assuntos entre eles e vem falar pra gente: “olha, o fulaninho tá falando isso na merenda”. Ou então assim, o que não aproveitou o lanche, colocou todo fora, vai lá serve e coloca fora. Desde elas, que nos dão a ideia (visão no caso) de aluno fora da sala de aula, como todos os outros professores, a direção também.

Lá no GD a diretora ainda falou ontem para os alunos: “O azar de vocês é que eu sei o nome de todos vocês. Então eu sei direitinho que tá falando, quem tá fora da fila, vou tirar um ponto” (se referindo a gincana da escola).

Então, essa relação de todos assim, na troca de todos é legal. Dos conselhos de classe que participa toda a equipe e que a gente sabe, olha, trocar muitas figurinhas e até ouvir conselhos no conselho de classe. “Ah, quem sabe tu faz diferente? quem sabe tu faz assim? De tudo, de todos os professores.

Mas pena que as escolas estaduais não têm a orientação, não tem um psicólogo pra nos dar um *HELP* (*socorro*), nos dar um ajuda sabe?! Ficar ali porque a gente não sabe né, o que tá acontecendo e com um profissional o aluno consegue desabafar, consegue colocar melhor né?! Eles conseguem retirar deles assim né. Por que as vezes em sala de aula, com todos os alunos eles não vão falar o que tá acontecendo e tu nota quando o aluno tá diferente e tal. Então acho que toda a escola tem que trabalhar junto.

## **PROFESSORA LUA**

### **1. Fale sua experiência de ensino da educação física.**

Bom, eu vou te dizer assim ó, a minha experiência. Eu sempre gostei de Educação Física. Tanto que eu fiz 2 semestres de Educação Física e parei porque tirei no “*par ou ímpar*” com meu ex-marido, né. Porque não dá pros dois estarem fazendo faculdade, ai eu perdi e ajudei ele a pagar a dele. Ai eu parei. Mas ai nunca mais depois eu voltei assim, sabe?!

E eu sempre fiz esportes né?! O judô, eu competia. Então, eu até levava a parte do judô pros meus alunos na Educação Infantil. Montava o tatame, mostrava os rolamentos, fazia coisas assim porque eu gosto dessa parte, né?! Essas coisas, essas atividades.

Bom, então assim, a Educação Física na Educação Infantil, como eu vou assim porque eu gosto, eu leio, eu procuro. Claro que não é assim uma Educação Física né?! É uma recreação onde eu tento trabalhar a lateralidade, equilíbrio, coisas assim que a gente já trabalha na Educação Infantil, né?! Eu vejo assim, há uma grande falta de professores de Educação Física na Educação, né?! Até

porque é uma coisa que tem que se trabalhar desde o início, né, desde os primeiros anos. E eu vejo isso na prática: *A FALTA*.

Tu vai ver ali, onde que tu vai trabalhar, o que que falta na criança, o que ela pode explorar, sabe?! Por que é ali que ela vai te demonstrar. Nossa! Então assim, eu vejo que falta isso, até mesmo nos anos iniciais. Educação Física, lá na Escola que eu dou aula na tarde (GD) pra um terceiro ano, eu faço eles terem uma recreação, jogam bola e tal e eu tento fazer uns circuitos também, com lateralidade, equilíbrio, essas coisas assim. Nada assim demais por que eu também não posso expor muito eles porque eles podem se machucar em uma coisa que eu sou leiga, né?!

Mas eu sinto e vejo que eles gostam né! Agora eles estão tendo uma oficina de tênis, né?! Que tem dois professores, um deles é uma moça que é tenista, então eles estão fazendo esse garimpo no caso. Então assim, tem crianças que não conseguem nem pegar uma raquete e fazer isso aqui com a bolinha (demonstrou equilibrar a bola em cima da raquete). Então, isso é coisa que se trabalha lá na Educação Infantil, sabe?!

Então tu vê assim, meu Deus, a falta que faz. Então, peca por isso. E nós professoras de sala de aula, a gente não tem a graduação pra dar aula e dizer; “Aí, isso é Educação Física.”. O que eles têm é recreação.

## **2. Você tem atuado junto com o professor de educação física em suas turmas. Fale-me sobre essa experiência?**

Sim. Sempre. Até com os estagiários, os outros que estavam aqui. A gente, da turma, tava fazendo um trabalho sobre uma história que eu li, que tinha um vulcão e não sei o que. contei a história pros guris do vulcão e tal, ai eu falei pros guris: “Quem sabe vocês façam alguma coisa assim? Falem com a Verônica (coordenadora do estágio) e vejam o que vocês acham né?! Por mim não tem problema, eu ajudo”.

Olha, eles fizeram um vulcão, botaram argila, tenho até foto. Botaram as crianças a mexer na argila, trabalhando motricidade. Ai numa outra aula eles fizeram o vulcão entrar em erupção com aquela espuma subindo. Aquelas crianças

estavam assim (demonstrou uma fisionomia de espanto), né?! Então assim, fluiu. Eles mesmos não esperavam que desse esse resultado. Então assim, sempre que dá, eu falo: “Pode fazer isso aqui, eu trabalho junto!” .

Então, eu acho importante. Até mesmo assim, tu vai fazer uma avaliação, tu tem que saber como é que tá. E mesmo sendo professor (formado no caso) ou estagiários, tem que saber, tem que ter essa troca. Então pra mim é bem válido, entende?!

### **3. Fale-me sobre as contribuições da educação física na aprendizagem dos estudantes?**

Ah, na minha visão?! Eu acho importantíssimo porque, como eu já te disse, se a criança não vem, desde o início tendo essa experiência de Educação Física, como eu te disse ali, eles não conseguem quicar uma bola, muitas vezes, nem correr. Eles ficam com aquela coisa assim, ai com medo e não sei o que. Sabe é a geração *VÍDEO GAME*. Então tu dá uma bola ou um negócio eles ficam assim (fisionomia de espanto).

Então para isso teria que ter pessoas aptas né?! Não adianta eu chegar lá e querer fazer e eu botar em risco e eles se machucarem, por mais boa vontade que eu tenha e vejo uns vídeos e penso: “Vou fazer isso com a minha turma”. Então assim, eu acho que pra todos os setores tem que ter uma pessoa apta pra aquilo. Né?!

### **4. Vocês conversam a respeito sobre o que os alunos têm aprendido? Fale sobre essa experiência.**

Ah, sim! Tem a troca porque? Quando se faz uma avaliação, o parecer da criança, a gente tem uma parte cognitiva, tanto minha: “Ah, como ele se desenvolveu?” tem a motora “ah como está? Olha, profe, eu senti que eles tem uma dificuldade de correr ou pular com a perna direita.”. Então tem essa parte sim porque eu preciso disso e eles também fazem um parecer da parte deles pra ser entregue também, né!?

***Perguntei se isso acontecia apenas no processo avaliativo ou durante todo o processo...***

Não, não! Durante todo o processo. Eles vão falando, eu mesmo, vou perguntando por que eu quero saber como é que tá, o que que mudou. Porque eu também, eu me interesso, eu fico junto, né?! Então eu pergunto também, né?!

**5. O que você considera que os alunos aprendem nas aulas de educação física?**

A socialização né?! Eu acho muito importante, tanto na aula como na Educação Física, socializar. O saber que não é só ganhar, o perder também faz parte. Eu acho que isso é o principal, o respeitar, enfim, a socialização. Acredito que sejam os principais.

**6. Você observa alguma alteração nas atitudes, novos conceitos e procedimentos nos estudantes em sala de aula/? Fale-me a respeito.**

Vamos dizer assim, em relação aqui a turma, eles chegam falando: “Ah profe, o professor fez isso ou ele perguntou ou ele ensinou”. Então sim, tem a troca. Eu chego aqui, eu também pergunto: “o que vocês fizeram? Como é que era?” né?!

Ai, às vezes, eles chegam dizendo: “Ai, o nosso grupo ganhou!”. Ai eu já falo que aqui ninguém goza de ninguém e isso eu tenho pra mim e até na minha turma da tarde. Ninguém nasceu sabendo, então assim, eles aqui vou te dar um exemplo do FULANO. Ele faz as coisas, mas ele não absorve, ele esquece, então pra ele tanto faz como tanto fez. Mas ai os outros tu sente, né?! Que até em casa depois os relatos dos pais, quando vão fazer alguma coisa e os filhos falam: “Não, o profe disse que não é assim.” Eles mostram, sabe?!

Então tem atitudes bem positivas, né! De negativa seria assim ó: “Ah, meu time perdeu” ai vai lá e empurra ou coisas assim, mas não acontece. A não ser o caso mesmo desse aluno por que é ele que mais sai, assim, fora, né?!

Já no PDC, assim, eu acho que lá, na minha experiência, nunca teve assim, pelo menos com a minha turma ou das turmas que tive lá, nunca houve isto. Sempre se conversou e, realmente, atitudes mudavam assim dentro da sala de aula com a Educação Física presente na Escola.

Tinha um aluno que era um terror, mas ele gostava de Educação Física, vivia Educação Física dentro da SOGIPA, então ele gostava, ele mostrava, ele fazia né?! É claro que ele tinha o lado mais negativo, mas ai eram questões familiares que não permitiam que melhorasse com ele mesmo. Mas dava pra sentir que ele tem potencial assim, se bem trabalhado ali, vai longe, na área assim, do esporte, com certeza, né?!

Então, tem atitudes que até mesmo o esporte te dá isso. Se tu não fizer direitinho na sala de aula, tu não vai render no teu esporte, né?! Acho que assim, tu tem que ligar, tu tem que estar bem nos estudos pra poder jogar legal porque se não, tu não joga, tu sai do time. Ou seja, aquela troca.

Do PDC todo mundo teve o seu desenvolvimento, até mesmo o LUQUINHAS, que era bem padrão, jeitinho todo tímido, daqui a pouco ele mesmo já havia se soltado. O dos Gêmeos, nossa! Mesmo com todas as dificuldades dele, que ele tinha nas pernas (paralisia infantil) ele não tinha medo, ele ia, corria, se entregava, sabe?! Tu tinha que segurar aquela criança, mas ele gostava de fazer e ele teve um bom desenvolvimento.

Apesar de ele ir na AACD e tudo, mas tu via que ele gostava disso, né. E a Educação Física era uma motivação pra ele estar na escola. Tanto que o dia em que ele ia pra AACD, geralmente era o dia que ele tinha Educação Física e ele ficava super triste né?! E tá ai, sabe?! Estão super bem os dois. Então, a gente vê que só tem coisas positivas mesmo.

**7. O que você acha sobre as relações/interações entre os professores?  
Conte como é sua experiência.**

Eu sempre busquei, por gostar, sempre trocar. Eu tomo como exemplo, TU. Lembra dos livros que eu via, que eu tinha, te mostrava, sabe?! Então, eu acho assim, se eu puder ajudar, eu vou. O que eu tenho não é nada assim, até porque eu não sou professora de Educação Física, mas eu gosto. E se eu tenho um material eu vou passar adiante. Claro que, se eu vejo que o outro professor tá afim. Porque não adianta nada levar o material legal e bah, não vejo a troca, então poh, por que eu vou estar fazendo isso então, né?!

Mas eu faço isso e nunca tive problema, tanto com estagiários quanto professores. Os professores e estagiários estão abertos, aceitam numa boa essas trocas, são bem tranquilos. Tento não passar a impressão que só porque sou professora sei de tudo, NÃO! Eu passei já por isso, também fui testada, \$muitas vezes ainda sou testada pelos alunos, então não tive problemas nessa troca por que tem que ser feito e tem que ter.

**8. Você considera importantes essas relações pedagógicas quando relacionadas com o processo de escolarização?**

Sim. Pra poder juntar né, botar algo de matemática na Educação Física, ter uma relação entre as matérias. Com certeza. Por que ai eu acho que entra o lúdico também né?! Porque nada melhor do que o lúdico. Não que a tua aula vai ser sempre só brincadeira, brincadeira, não! O lúdico é necessário, por que às vezes, assim, a forma como tu vai falar, vai transmitir, eles não vão entender ai, no momento que tu usar uma música, usar uma brincadeira eles vão pegar bem melhor. Porque eles pegam assim, não é ficar falando: "Vamos ler".

Então assim, é totalmente válido e tem que ter. Então eu acho que é bem necessário, não é só fazer aquela aula tradicional. Tanto que a minha pós-graduação eu fiz alfabetização e letramento e eu fiz dentro do lúdico e vendo o quanto o lúdico é importante né. Além disso, a interação entre os profes da escola agrega muito para os alunos, eles saberem que podem contar com a gente, eles verem nosso trabalho em fazer aulas diferentes ou em dupla com outro profe. Acho que sim, é bem importante essas relações.